

JUL-AGO DE 2015

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

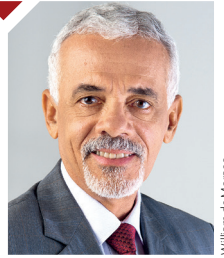
Exemplar avulso: R\$ 12,68



DEUS E O CONFLITO CÓSMICO

COMO VIVER NA
ATMOSFERA DO
REAVIVAMENTO





William de Moraes

Mirando o adversário

Assistir a telejornais, ler jornais e revistas são hábitos de todos nós que desejamos estar bem informados. Mas, qual é a pauta de notícias que nos é oferecida diariamente? Como se também assistisse a tudo o que vemos hoje, Ellen G. White responde: “Vivemos em meio de uma epidemia de crime, diante da qual ficam estupefatos os homens pensantes e tementes a Deus em toda parte. A corrupção que predomina está além da descrição humana. Cada dia traz novas revelações de conflitos políticos, de subornos e fraudes. Cada dia traz seu doloroso registro de violência e ilegalidade, de indiferença aos sofrimentos do próximo, de brutal e diabólica destruição de vidas humanas. Cada dia testifica do aumento da loucura, do assassinio, do suicídio (*A Ciência do Bom Viver*, p. 142, 143).

Em busca de explicação para o que veem, algumas pessoas têm sugerido a falta de educação, desigualdade social, péssima gestão governamental e outros fatores como responsáveis pelo cenário tão desolador. Porém, essas realidades são apenas o resultado das ações de um agente maior: Satanás, o arqui-inimigo destruidor. Afinal, “quem pode duvidar que agentes satânicos se achem em operação entre os homens, numa atividade crescente, para perturbar e corromper a mente, contaminar e destruir o corpo?” (Ibid.).

Infelizmente, há quem duvide e chegue até mesmo a questionar o caráter, o poder e o amor de Deus. Não poucos parecem seguir na esteira do pensamento alimentado por Epicuro, filósofo grego do período helenístico: “Deus ou quer impedir os males e não pode; ou pode e não quer; ou nem quer nem pode, ou quer e pode. [...] Se pode e quer, que é o único conveniente a Deus, de onde provém, então, a existência dos males? Por que Ele não os impede?” (Reinhold A. Ullmann, *Epicuro: o Filósofo da Alegria*, p. 112).

De fato, o ser humano não pode entender plenamente todas as nuances do sofrimento, a menos que o analise à luz do milenar conflito entre Deus e Satanás. Rebelando-se contra a ordem e a autoridade divinas, o inimigo foi

expulso do Céu e estabeleceu sua base na Terra. Desde então, tem-se empenhado em levar os seres humanos à destruição, atacando “como leão que rugir procurando alguém para devorar” (1Pe 5:8), ou valendo-se da sutileza de adulações e enganos quase imperceptíveis.

O teólogo Ricardo Norton, em artigo nesta edição, enumera alguns desses enganos, diretamente relacionados também à vida pastoral. Entre eles está, por exemplo, a excessiva atividade que tende a nos roubar o tempo que deve ser dedicado à comunhão com Deus. Nunca é exaustivo insistir nesse ponto, pois há sempre o perigo de que o pastor tenha as mãos tão cheias do que fazer, que o coração seja esvaziado de Deus e Sua Palavra. Então, será também esvaziado de poder e sabedoria, a cidadela da alma será avariada e o inimigo encontrará brecha para agir.

Outro ardil empregado pelo inimigo, na tentativa de destruir o pastor, é a ilusão do êxito. Conforme escreveu o erudito francês Theodore Monod, o sucesso pode nos levar a duas veredas perigosas: (1) atribuição da glória a nós mesmos e (2) arrefecimento do ânimo, acomodação, justamente quando deveríamos continuar investido nosso melhor esforço no trabalho. Isso é tudo o que Satanás deseja. Por isso, lembra Monod, Deus não nos impôs a obrigação de ter sucesso, mas a necessidade de ser fiéis e diligentes em todas as coisas. Também devemos ser vigilantes sobre nós mesmos, nossas debilidades, tendências e propensões humanas, a fim de que, em Jesus Cristo, sejamos vencedores sobre o mal e seu autor.

Os dias atuais exigem que, como pastores, preguemos e vivamos de maneira a desmascarar o grande adversário diante do mundo e da igreja. As pessoas precisam ouvir e entender claramente o fato de que Deus permite o sofrimento para que, ao observarmos os feitos dEle e os do inimigo, entendamos quem é o verdadeiro facinoroso do Universo, e quem é a fonte do amor. Porém, um dia, muito brevemente, o inimigo será destruído para sempre. Aleluia! Deus é sempre o vencedor! **M**

Zinaldo A. Santos



Os dias atuais exigem que, como pastores, preguemos e vivamos de maneira a desmascarar o grande adversário diante do mundo e da igreja”

8 Espiritualidade e missão

Marcelo Dias

Autor chama a atenção para o estilo de vida que caracteriza o missionário de êxito.

10 Abrindo portas missionárias

S. Costa

Pastor diz o que tem feito para levar o evangelho em regiões difíceis para o cristianismo.

12 Atmosfera celestial

Shawn Brace

As lições de uma reunião de reavivamento realizada em South Lancaster.

15 Deus não é o réu

Douglas Reis

Por que um Deus de amor ordenou a eliminação de povos no Antigo Testamento?

18 Falso ou verdadeiro?

Ricardo Norton

Como se livrar de enganos sutis que ameaçam a igreja e o trabalho do pastor.

22 Teodiceia do grande conflito

Richard Rice

A existência do sofrimento é um desafio para a religião, mas não é intransponível.

25 Filho do Homem

Eduardo Rueda

Conheça as origens do título mais usado por Jesus para Ele mesmo.

28 O chamado e o mandato

Roberval Moura Marinho

Nos ensinamentos e exemplo de Cristo, o caminho para o verdadeiro discípulo.

2 Editorial

4 Entrelinhas

5 Entrevista

30 AFAM

33 Mural

34 Recursos

35 Ponto final

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 87 – Número 519 – Jul/Ago 2015
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor

Zinaldo A. Santos

Editor Associado

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria

Lenice F. Santos

Projeto Gráfico

Levi Gruber

Capa

Montagem sobre imagens do Fotolia

Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Herbert Boger; Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores

Antônio Moreira; Cícero Gama; Cláudio Leal; Edilson Valiante; Edinson Vasquez; Eliezer Júnior; Enzo Chaves; Eufrazio Quispe; Fabian Marcos; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Mitchel Urbano; Nelson Filho; Pablo C. Garcia; Waldony Fiúza

Ministério na Internet

www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista Ministério deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Redator-Chefe Associado

Vanderlei Dorneles

Chefe de Arte

Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 61,60
Exemplar Avulso: R\$ 12,68



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5953 / 32589



Cortezia DSA

O Pastor modelo

O título acima é o mesmo do último capítulo do livro *Ministério Pastoral*, de autoria de Ellen G. White, traduzido e lançado neste ano pela Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana e pela Casa Publicadora Brasileira. A leitura desse livro vai renovar seu ministério. Ele nos apresenta Cristo, o Pastor principal, que provê o modelo perfeito para Seus subpastores. Aponta-lhes Seu exemplo de amor que O levou a dar a vida para libertar Suas ovelhas. Se cada pastor, hoje, imitar Seu exemplo de abnegação, o rebanho sob seus cuidados prosperará.

Cada característica da vida do grande exemplo deve ser cuidadosamente estudada. Convido você a refletir sobre estas características:

Comunhão – A oração foi o centro do ministério de Cristo. Nas montanhas da Galileia e no monte das Oliveiras, o Amado de Deus orou pelos pecadores. Então, saiu para ministrar-lhes. Esse exemplo de Jesus nos mostra como podemos enfrentar os embates pastorais.

Relacionamento – Cristo Se identificou com Seu povo. Identificou-Se com as necessidades das pessoas. Os sofrimentos delas eram também Seus sofrimentos. Em certa ocasião, disse Ele: “Tive fome, e Me destes de comer; tive sede, e Me destes de beber; era forasteiro, e Me hospedastes; estava nu, e Me vestistes; enfermo, e Me visitastes; preso, e fostes ver-Me” (Mt 25:35, 36).

O amor, a misericórdia e a compaixão estavam presentes em cada ato do ministério de Jesus.

Ele foi o Líder-Servo. Portanto, a fim de que tenha êxito como Jesus, você deve liderar humildemente, à semelhança dEle. Os pastores desprezados por aqueles aos quais serve devem recordar que Jesus também foi desprezado.



Cristo veio dar um exemplo correto do que significa ser um pastor conquistador de pessoas para o reino dEle. Somos chamados a imitá-Lo”

Jesus costumava organizar Seu dia de tal modo que, à tardinha pudesse ministrar à classe trabalhadora. Assim, ande com Ele, fale dEle, imite-O. Não Se exalte nem por palavras nem por ações. Fale de Cristo, ore em nome dEle, seja dependente dEle e pregue sobre Ele. Essa é a qualidade ministerial que atesta a realidade de que o pastor foi chamado e escolhido por Deus.

Missão – Cristo veio dar um exemplo correto do que significa ser um pastor conquistador de pessoas para o reino dEle. Trabalhou constantemente por um objetivo, ou seja, todos os Seus poderes foram empregados em favor da salvação de seres humanos. Assim, o bom pastor busca diligentemente ovelhas perdidas e as recebe amorosamente no redil.

O ministério de Jesus consistiu em pregar e educar as pessoas; Ele foi o Pregador-Mestre, que hoje acompanha e inspira os modernos subpastores. Embora tenham passado muitos séculos, a passagem do tempo não mudou Sua promessa feita aos Seus discípulos: “Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:20).

Desde a ascensão de Cristo até nossos dias, os homens ordenados por Deus se tornaram mestres da fé. Cristo, o Supremo Pastor, realiza e supervisiona Sua obra por meio desses subpastores. Assim, a posição ocupada por aqueles que trabalham na pregação e no ensino da Palavra está revestida de especial importância. Como embaixadores de Cristo, eles rogam às pessoas que se reconciliem com Deus. Não negligenciem o cumprimento dessa missão. **M**

Herbert Boger

Excelência a serviço da igreja

“Não estamos aqui para ser colocados em um pedestal e ser admirados, mas para servir”

por Derek Morris e Willie Hucks II

O Instituto de Pesquisa Bíblica, IPB, foi estabelecido há 40 anos, por iniciativa da Comissão Diretiva da Associação Geral da Igreja Adventista, com o objetivo de facilitar a pesquisa teológica, apologética e servir à igreja. Porém, suas raízes remontam a 1943, quando foi criada a Comissão de Defesa da Literatura, e a 1952, com o estabelecimento da Comissão de Estudo Bíblico e Pesquisa. O IPB cresceu e tem contribuído para o fortalecimento espiritual de pastores, teólogos, estudantes, líderes e membros da igreja em todo o mundo. Isso é feito por meio da publicação de farta literatura impressa e digital, além da realização de seminários. O IPB tem como diretor titular o pastor Artur Stele, nascido no Casaquistão. Seus associados são os pastores Ekkehardt Mueller, natural da Alemanha, o brasileiro Elias Brasil de Souza, Kwabena Donkor, nascido na África, e o norte-americano Clinton Wahlen. Todos eles são possuidores de sólida experiência pastoral, administrativa e acadêmica.

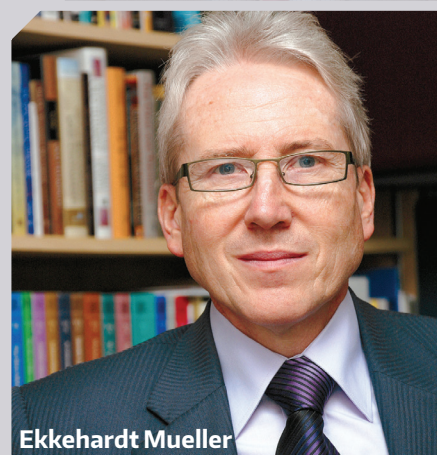
Nesta entrevista concedida aos editores da revista *Ministry*, eles descrevem o trabalho do Instituto de Pesquisa Bíblica e enfatizam a necessidade que tem o pastor adventista de buscar a excelência. Tudo para a glória de Deus e aprimoramento do serviço prestado à igreja e à comunidade.

Qual é o propósito primordial do Instituto de Pesquisa Bíblica?

Clinton: Com o crescimento da Igreja em todo o mundo, e em culturas variadas, um dos desafios fundamentais é nutrir e manter a unidade teológica, e a fidelidade à Palavra de Deus. Exaltar a Bíblia é uma das muitas formas de se fazer isso. Portanto, trabalhamos junto às comissões de pesquisa de cada Divisão mundial da Igreja Adventista, realizando seminários teológicos, buscando aprofundar o estudo das Escrituras e nutrir a unidade. Esses seminários alcançam pastores, administradores, professores de teologia e outros líderes. Também publicamos livros e disponibilizamos muitos recursos



Artur Stele



Ekkehardt Mueller

Fotos: Gentileza dos entrevistados

que podem ser encontrados no site www.AdventistBiblicalResearch.org.

Mueller: Podemos resumir nossas tarefas em três categorias: pesquisa teológica, apologética e serviço à igreja. A pesquisa teológica inclui identificar áreas de estudo que necessitam de fortalecimento e fazer pesquisas com esse objetivo, além daquelas que geram aplicações práticas. Ou seja, se necessitamos ampliar nossa compreensão sobre eclesiologia, por exemplo, a pesquisa será direcionada a essa área, envolvendo os melhores eruditos da igreja. Apologética é outra categoria. Alguns pensam que essa seja a principal parte do que fazemos, mas é apenas uma das muitas áreas de nosso engajamento. Então, temos o serviço: ajudamos a liderança da igreja em todo o mundo e servimos ao Campo Mundial, disponibilizando recursos,

materiais para estudo e realizando seminários. Cuidamos dos pastores, seminaristas e professores de teologia.

Em termos práticos, de que maneira o Instituto de Pesquisa Bíblica atende as necessidades dos pastores?

Donkor: Uma necessidade comum entre os pastores é a de desenvolver uma hermenêutica apropriada. Para isso, o IPB disponibiliza dois volumes intitulados *Understanding Scripture* [Compreendendo as Escrituras] e *Interpreting Scripture* [Interpretando as Escrituras]. O primeiro trata da interpretação de profecias, poesia, salmos e parábolas, por exemplo. O segundo trata de questões e textos mais difíceis.

Mueller: O *Manual de Teologia Adventista do Sétimo Dia* aborda as crenças fundamentais do movimento adventista. Considerando ser um dever de todo pastor compreender a teologia adventista, esse volume não pode faltar em sua biblioteca.

Clinton: Além dessas, temos publicado outras obras importantes como *Message, Mission and Unity of the Church* [Mensagem, Missão e Unidade da igreja], um livro prático contendo ideias e princípios do cumprimento da missão. Todos os materiais e recursos disponibilizados pelo IPB podem ser acessados em nosso site, onde também pode ser encontrado nosso boletim trimestral, *Reflections*. Também atuamos como consultores. Sempre que pastores e líderes das igrejas necessitarem de esclarecimento sobre alguma questão, podem entrar em contato conosco.

Algumas vezes pensamos no pastor como sendo alguém prático, não como teólogo. Como podemos equilibrar os dois conceitos?

Stele: Infelizmente, nós separamos pastores e teólogos. Na verdade, em certo sentido todo pastor precisa ser um teólogo, pois os pastores são trombetas da teologia, isto

é, falam de teologia. Eles proclamam a Palavra, esse é seu trabalho. Quer estejam pregando, aconselhando ou orando, tudo deve soar teologicamente. Se os pastores consideram seriamente as Escrituras como Palavra de Deus, eles devem estudá-las.



Elias Brasil



Kwabena Donkor

E ao fazerem isso, eles estão efetivamente fazendo teologia. Desejamos ver os pastores envolvidos no estudo e pesquisa da Bíblia. Ler literatura teológica é importante, mas isso jamais deve substituir o profundo e regular estudo da Palavra de Deus. Não podemos criar rótulos, dizendo que os teólogos trabalham no escritório e os pastores no campo. Em última instância, ambos estão envolvidos na mesma tarefa, ou seja, são pastores que têm a Bíblia como fundamento de suas crenças, seu ensino, sua pregação e suas atividades diárias.

Quais são os maiores desafios que os senhores identificam hoje para a igreja?

Mueller: Hermenêutica é um deles. Diferentes estudiosos dizem usar o mesmo método de interpretação bíblica, mas chegam a conclusões diferentes. Isso é perigoso, pois pode pavimentar o caminho para que alguém diga: "Esqueçamos o método adventista de interpretação das Escrituras e adotemos qualquer um."

Clinton: Somos uma igreja fundamentada na Bíblia, cremos que surgimos das Escrituras. Assim, nossas respostas para questões de fé e prática devem estar alicerçadas nas Escrituras. Muitos não têm um claro senso do que significa dizer que somos o remanescente da profecia bíblica e que temos um papel a desempenhar no tempo do fim, ou seja, a proclamação das três mensagens angélicas, preparando um povo para a segunda vinda de Jesus.

Elias: Criação e evolução têm sido outro desafio, e isso tem sérias implicações para a hermenêutica e nossa visão das Escrituras. De fato, há uma rejeição crescente da visão bíblica na sociedade moderna, o que se torna um desafio real para a comunicação da teologia.

Stele: Os jovens têm visão totalmente diferente de muitas coisas estabelecidas. Precisamos encontrar maneiras de tornar mais atraente nossa mensagem para eles. Adoração é outro desafio. Algumas vezes, fazemos coisas que deviam suscitar grandes perguntas. Precisamos encontrar um caminho para realmente adorar em espírito e em verdade.

Donkor: Alguns desafios podem ser regionais, o que pode requerer contextualização da mensagem em uma região, a fim de abordar necessidades específicas. Por exemplo, o rastejar das crenças e práticas tribais da África para dentro da igreja cristã. Aqui está o risco do sincretismo.

Alguns pastores negligenciam o hábito de ler, depois que saem do

seminário, ocupando-se unicamente dos negócios do ministério pastoral. Como podemos ajudá-los a retomar a prática do estudo e leitura?

Clinton: Sei o que significa pregar várias vezes na semana, além do envolvimento com outras atividades ministeriais e administrativas. Não é fácil. Contudo, profissionais de todas as áreas precisam cavar tempo para o crescimento pessoal e a educação contínua. No ministério pastoral isso é ainda mais prioritário.

Donkor: Quando um pastor negligencia o estudo e a leitura, seu ministério entra em uma zona perigosa. Muitas igrejas adventistas podem sobreviver a duras penas sem nenhuma visão. Porém, visão é o que provê um alvo e direção ao ministério pastoral. Enquanto você conservar vivo o alvo, você não poderá deixar de estudar, por que precisa criar e executar programas, projetos, que levam ao cumprimento do próprio alvo. Porém, quando entramos em uma rotina em que fazemos as mesmas coisas, pregamos os mesmos sermões, esse é o sinal de que chegou o momento de ler, estudar e criar uma visão.

Stele: Quando dizemos aos pastores: "Vocês devem ler", eles reagem dizendo que não têm tempo disponível para isso. Mas, é preciso que desenvolvamos uma cultura que diga: "Vocês não podem deixar de ler." Se eu não visitar os membros nem estudar, não saberei o que pregar. Os pastores não podem negligenciar o estudo, porque isso facilita o trabalho deles. Além disso, ao ouvir sermões repetitivos, os membros da igreja rapidamente sabem reconhecer que o pastor não estuda.

Elias: Os pastores devem estabelecer alvos para si mesmos. Em algumas partes do mundo eles têm alvos de batismos, dí-zimos, e sabem como medir esses alvos. Se é importante ter alvos de batismos, dí-zimos, estabelecimento de congregações, visitação, também devemos ter alvos intelectuais. Nesse sentido, cada pastor deve iniciar o ano com alguns alvos específicos.

Por exemplo, estudar alguns temas ou partes das Escrituras. Então, no fim do ano, poderá avaliar-se à luz desses alvos. Pode ser que a Associação não enfatize esse aspecto do trabalho, mas devemos pessoalmente fazer isso, para nosso crescimento e a fim de melhor servir à igreja.

Que conselhos os senhores gostariam de transmitir aos pastores, estudantes e professores de Teologia, incluindo quem deseja fazer pós-graduação?

Elias: Quando fui professor no Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia, alguns estudantes me faziam a mesma pergunta. Minha resposta tem



quatro itens. Primeiro, tenham uma vida devocional consistente. Os estudantes são acostumados a uma abordagem mais devocional nas respectivas congregações. Quando eles pregam ou dão estudos bíblicos, fazem isso de maneira devocional. Mas quando chegam ao seminário, eles tendem a desenvolver uma abordagem mais acadêmica do estudo da Bíblia. Nesse contexto, frequentemente negligenciam a apropriação pessoal das Escrituras. Porém, não devem se esquecer de estudar a Bíblia devocionalmente e manter sua vida de oração. Segundo item, desenvolvam uma visão da autoridade e inspiração das Escrituras, e aprendam a

pensar biblicamente. Terceiro, leiam tanto quando puderem. Quem deseja fazer uma carreira acadêmica precisa gostar de aprender, ler e pesquisar, para encontrar respostas escriturísticas para questões teológicas. Finalmente, escolham a área de seu interesse e leiam o máximo sobre esse assunto. Quando uma pessoa é competente em uma área de estudo, a igreja é bem servida.

Donkor: Há pessoas que avançam nos estudos teológicos, desconsiderando a integridade da teologia adventista. Porém, temos somente uma forma de fazer teologia. Portanto, conservem em mente a integridade da teologia adventista.

Clinton: Também é importante manter em mente os interesses e as necessidades da igreja. Se alguém investir recursos e tempo, dedicando-se ao estudo de algum tema ou área da teologia, precisa estar certo de que isso será proveitoso para a igreja em sua compreensão dos propósitos para os quais ela existe e da missão que lhe foi confiada.

Mueller: O pastor deve buscar a excelência em tudo o que fizer. Não estamos aqui para ser colocados em um pedestal e ser admirados, mas para servir. Todo pastor deve se esforçar para fazer seu melhor, permanecer humilde, aprender com outros, ouvir a igreja e os colegas. Um dos aspectos positivos aqui no Instituto de Pesquisa Bíblica é que compartilhamos ideias.

Clinton: Seguindo essa linha de pensamento, lembro-me de um professor de teologia, a quem respeito e aprecio muito. Certa ocasião, ele me disse: "Você pode me chamar de 'doutor', se quiser, mas eu prefiro ser chamado de 'pastor', porque a confiança que foi colocada sobre mim quando fui ordenado ao ministério adventista do sétimo dia significa o máximo para mim. É superior a qualquer graduação acadêmica, superior ao doutorado e pós-doutorado. O chamado de Deus como pastor é o mais importante para mim." Esse é o ideal que desejamos imitar. **M**



Gentileza do autor

Espiritualidade e **missão**

**“Nós também somos fracos nEle,
 mas viveremos, com Ele, para vós
 outros pelo poder de Deus”**



Vários temas e trechos da Bíblia são importantes para a compreensão sobre a missão e a espiritualidade. David J. Bosch, influente missiólogo, sugeriu que a segunda carta de Paulo aos coríntios é o melhor estudo de caso sobre espiritualidade missionária já publicado.¹ Ele mostra como a espiritualidade bíblica mantém o equilíbrio entre o relacionamento com Deus e o envolvimento com o mundo, uma espiritualidade marcada pelo serviço e pela cruz.

As circunstâncias desfavoráveis relativas à desconfiança por parte dos membros da igreja de Corinto tornaram essa carta de Paulo uma resposta pessoal aos falsos “missionários” que haviam inflamado os conversos contra ele e uma exposição da sua espiritualidade missionária. Talvez nenhum outro livro do Novo Testamento descreva com tamanha profundidade e extensão as dinâmicas emocionais, físicas e espirituais de um cristão missionário.² Uma das principais lições nesse sentido é que a mensagem

e o mensageiro são inseparáveis. Portanto, o apóstolo Paulo defendeu sua reputação, seu caráter e credibilidade em favor da reputação do evangelho (2Co 13:7, 8). Paradoxalmente, isso significa se identificar como um “vaso de barro” (4:7).

Estilo de vida missionário

Ao descrever a atitude e o modo de viver missionário, por intermédio dessa carta, Paulo enfatizou a graça de Cristo e a indignidade daqueles que a recebem (12:9, 10).

O apóstolo chamou a atenção para a graça expressa na sua missão e na sua vida de pobreza, rejeição e perseguição (6:4, 5; 11:23). A mensagem é que o “cristianismo é mais forte quando é fraco e sofrendo rejeição, suspeita e preconceito (12:10; 13:4)”³. Frequentemente, esse é o caso no contexto da “janela 10/40” e em outros lugares, no tempo que precede a segunda vinda de Cristo.

O relacionamento com Deus e o engajamento com o mundo, de forma inseparável, é a essência da experiência do apóstolo. Paulo afirmou que “é Ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus” (1:4). Deus nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu a missão da reconciliação (5:18), e nos tornamos cooperadores na Sua missão (6:1). É o amor de Cristo que nos constrange, transforma os que estão nEle em novas criaturas, produz vidas que não mais vivem para si, mas para Aquele que por elas morreu e ressuscitou (5:14-17). O relacionamento com Deus só pode verdadeiramente acontecer no contexto do engajamento com o mundo, enquanto o envolvimento com o mundo só pode verdadeiramente ocorrer no contexto do relacionamento com Deus.

As metáforas missionárias de Paulo em sua segunda carta aos coríntios também descrevem esse relacionamento. A fragrância que por meio do missionário se manifesta em todo o lugar é o bom perfume de Cristo (2:15). A carta lida por todos os homens é carta de Cristo, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente (3:3). Somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio (5:20). Nós nos tornamos santuários do Deus vivente (6:16). E colaboramos na preparação do povo de Deus como de uma virgem pura para seu esposo, que é Cristo (11:1). Assim, não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor, porque Deus resplandeceu em nosso coração e iluminou

o conhecimento da glória de Deus na face de Cristo (4:6). Assim Deus, por intermédio de Cristo, nos habilita para ser missionários (3:6); dessa maneira vasos de barro podem conter o tesouro, para que a excelência do poder seja de Deus e não nossa (4:7).

No desenvolvimento da espiritualidade, pela perspectiva da eternidade, a nossa leve e momentânea tribulação (incluindo aflições, privações, angústias, açoites, prisões, tumultos, vigílias e jejuns), frequentemente resultante do testemunho, produz renovação e eterno peso de glória (4:6-17). São os trabalhos e fadigas, as prisões, os açoites e os perigos de morte, os naufrágios, os perigos (inclusive entre gentios, na cidade e entre falsos irmãos), e até preocupação com aqueles que recebem o evangelho, que nos fazem ainda mais missionários de Cristo (11:23-28). Esse é o andar pela fé e não pelo que vemos (5:7).


De forma transparente, o apóstolo Paulo discutiu a dinâmica da espiritualidade na missão, lembrando que, embora andando na carne, não militamos segundo a carne, mas sim no poder de Deus (10:3, 4). Para isso, é necessário ser de Cristo e não permitir que o ato de anunciar do evangelho resulte em glória para nós mesmos, mas em glorificar ao Senhor e ser louvado por Ele (10:16-18). A única exceção permitida é gloriar-se em relação à fraqueza (11:30; 12:9) para que o poder de Cristo repose sobre nós de acordo com a graça suficiente de Deus. Porque é na fraqueza que somos fortes para a missão (12:10). Assim como a teologia de Paulo é uma teologia missionária, é importante compreender que a espiritualidade de Paulo foi uma espiritualidade missionária.

Espiritualidade missionária e missionário espiritual

Fica evidente que espiritualidade e missão não podem existir desconectadas. Por demasiadas vezes, a espiritualidade tem sido caracterizada como prática isolada, introspectiva e contemplativa que

negligencia a dimensão missionária desenvolvida através do engajamento no testemunho. Isso seria mera religiosidade, não espiritualidade. Seria o resultado de uma desconexão entre palavra e ação, sacro e secular, espiritualidade e missão.

Se tivéssemos que resumir esse tema em três aspectos, seriam estes: (1) dependência genuína de Deus, (2) humildade e disposição para aprender e (3) fruto do Espírito.⁴ De modo mais específico, especialistas têm apontado para uma experiência que inclui o seguinte: (1) conversão genuína, (2) discipulado que se desenvolve e que multiplica, (3) profundo sentido de chamado, (4) mensagem vital, (5) coração disposto a servir, (6) compromisso firme com a igreja, (7) corpo saudável e mente vigorosa, (8) estilo de vida atrativo e (9) dons espirituais.⁵

Uma espiritualidade missionária ou um missionário espiritual se define pelo modo de viver e servir. Por isso, Bosch sugere uma espiritualidade que não é o resultado de obras, nem um esforço individualista, mas o desenvolvimento dinâmico de um relacionamento com Cristo que resulta em envolvimento no mundo, a qual ele chama de “a espiritualidade do caminhar”. 

Referências:

- ¹ David J. Bosch, *A Spirituality of the Road* (Eugene, OR: Wipf & Stock, 1979), p. 12, 13.
- ² Simon J. Kistemaker e William Hendricksen, *Exposition of the Second Epistle to the Corinthians*, New Testament Commentary (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1953-2001), v. 19, p. 19.
- ³ Introdução a 2 Coríntios, *Andrews Study Bible*, p. 1516.
- ⁴ A. Scott Moreau, Gary R. Corwin, Gary B. McGee (ee), *Introducing World Missions: A Biblical, Historical and Practical Survey* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2004), p. 176-178; Claude Hickman, Steven C. Hawthorne e Todd Ahrend, em Ralph D. Winter e Steven C. Hawthorne (ee), *Perspectives on the World Christian Movement: A Reader* (Pasadena, CA: William Carey Library, 2009), p. 725-730.
- ⁵ Marion G. Fray, “Strategies for the Development of the Spiritual Life Missionaries” em John Mark Terry, Ebbie Smith and Justice Anderson (ee), *Missiology* (Nashville, TN: Broadman & Holman, 1998), p. 589-594.

Abrindo **portas** missionárias

Pequenas atitudes podem ser o caminho para despertarmos o interesse das pessoas em conhecer Cristo

Há poucos anos, quando recebemos nosso chamado para o campo missionário, sentimos que havíamos recebido a resposta para um plano que cultivávamos durante algum tempo, e que havíamos partilhado com Deus. O convite nos trouxe grande alegria e, ao mesmo tempo, uma interrogação: Como seria esse novo caminho?

Passado o período de adaptação, o sentimento de missão e o desejo de servir afloraram com intensidade singular. Apesar de termos lido livros sobre o assunto, e traçado estratégias, com o passar do tempo o foco na missão foi gerando apenas frustrações. Os resultados não pareciam vir, ao menos na visão e no tempo humanos.

Ficamos isolados por muito tempo no país, realizando cultos em nossa casa, sem ninguém com quem pudéssemos nos unir em adoração a Deus durante os sábados. Nossas filhas eram acostumadas a frequentar a igreja e sempre gostaram muito da Escola Sabatina, mas estavam impedidas disso. Foi um processo doloroso de adaptação. Nossa fé foi posta à prova, bem como o propósito do nosso ministério. Fomos desafiados a aprender como desenvolver uma espiritualidade mais profunda, num contexto completamente diferente daquele com o qual estávamos acostumados. Nesse caminho de aprendizagem, continuamos buscando vencer a nós mesmos, uma cosmovisão culturalmente condicionada e uma visão limitada do grande conflito cósmico e do amor de Deus pela humanidade.

“Que *Allah* cuide de você”

No prédio em que moramos, convivemos com um clã familiar incluindo vários parentes. Certo dia, ofereci-me para ajudar uma senhora idosa e doente. Admirada, ela me olhou e disse: “Sabe que você é a única pessoa que me oferece ajuda? Nem meu esposo, meu genro, minha filha ou meus netos têm esse tipo de carinho e cuidado comigo. Que *Allah* o abençoe e proteja! Que *Allah* cuide de você e sempre o mantenha assim, atencioso para com aqueles que precisam.”

Fiquei surpreso com aquela declaração e agradecido por ver que pequenas atitudes podem ser o caminho para despertarmos o interesse das pessoas em Cristo, o exemplo maior. Especialmente as regiões do mundo de minoria cristã desafiam o desenvolvimento de uma espiritualidade missionária genuína, caracterizada pelo testemunho do evangelho através de pequenas atitudes e contatos de amizade desinteressada. Isso é parte de um modo de viver diário resultante de crescente senso de responsabilidade e busca espiritual.

O livro da paz

Minha esposa também tem seus desafios como missionária e, para mim, ela é um grande testemunho de como devemos conciliar a espiritualidade e a missão. Quando aqui chegamos, ela voltou a estudar. Na universidade, ela conheceu uma jovem muçulmana que se mostrou acessível ao conhecimento do cristianismo.

Depois de alguns anos de amizade com

essa moça, minha esposa perguntou a ela se poderia lhe dar um presente muito especial, numa data também especial para os cristãos, o Natal. Diante da resposta positiva, minha esposa preparou carinhosamente uma cesta com alguns itens interessantes e colocou entre eles uma Bíblia. A jovem foi muito receptiva ao presente, o que posteriormente motivou algumas conversas sobre porções da Bíblia.

Recentemente, ao iniciar um novo semestre letivo, as duas amigas se reencontraram. A amiga muçulmana procurou minha esposa e disse que, durante as férias, havia visitado algumas vezes uma igreja cristã em seu país, e que estava lendo a Bíblia. Disse ainda que sentia muita paz quando lia as Escrituras. Isso nos trouxe grande alegria!

Todo verdadeiro missionário deve buscar, cada dia, a verdadeira espiritualidade e não a mera religiosidade. O apóstolo Paulo entendeu isso muito bem: “Os esforços do apóstolo não estavam restritos à pregação pública; havia muitos que não poderiam ser alcançados dessa maneira. Ele dispendeu muito tempo no trabalho de casa em casa, prevalecendo-se assim das relações familiares do círculo doméstico. Visitava os enfermos e tristes, confortava os aflitos, animava os oprimidos. Em tudo o que dizia e fazia engrandecia o nome de Jesus” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 139).

Deus nos usará como vasos de barro (2Co 4:7-12), fazendo com que Seu poder seja realidade em nossa vida, mesmo em meio aos maiores desafios. **TM**

Se torne um
Chefe de Cozinha
 com os lançamentos *Superbom*

Eddy Paixão
 28 Anos - Personal Hair

Tailize Linares
 20 Anos - Estudante
 Universitária

Renata Steidl
 33 Anos - Fisioterapeuta
 e mãe



TAMPA
 Abre fácil

Nova linha de
PRATOS PRONTOS
 Vegetarianos



ÚNICA LINHA DE PRATOS
 PRONTOS VEGETARIANOS
 CERTIFICADA PELA SOCIEDADE
 VEGETARIANA BRASILEIRA.

Para atender aos mais de 16 milhões de brasileiros vegetarianos e a um cenário em que 28% dos brasileiros pretendem reduzir o consumo de carne animal, a Superbom lança a nova linha de pratos prontos vegetarianos sem glúten.

Com sabores surpreendentes, os novos pratos chegam em três opções e com uma verdadeira lista de diferenciais.

Os pratos prontos Superbom são feitos com matéria-prima de primeira linha, com o melhor da soja, acrescidos de especiarias exclusivas. Utiliza em sua formulação o óleo de canola, riquíssimo em Ômega-3, ácido alfa linolênico e ácido linoleico.

100%
 Vegetal

Free
 GLUTEN

Soja NÃO
 Transgênica

ZERO
 Colesterol

RICO EM
 Fibras

ZERO
 Conservantes

NÃO CONTÉM GLÚTEN



Gentileza do autor

Atmosfera celestial

O que podemos aprender sobre reavivamento, a partir do que aconteceu em South Lancaster? Como experimentar novamente e reproduzir o que ocorreu ali?

Ao longo dos últimos anos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem enfatizado o reavivamento, em consonância com a declaração feita por Ellen G. White, por volta de 1887: “Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a nossa maior e mais urgente necessidade.”¹ Mas o que é realmente esse reavivamento? Como identificar os frutos do reavivamento? E o mais importante: O que deve acontecer para que possamos finalmente perceber o reavivamento que Deus deseja que experimentemos?

A experiência vivenciada por Ellen G. White pode nos ajudar a compreender e avaliar os movimentos atuais de reavivamento. Aproximadamente dois anos depois de apelar para houvesse um genuíno reavivamento entre o povo de Deus, ela comentou sobre um dos mais gloriosos eventos que a deixou tão eufórica a ponto de exclamar: “Parecia-nos estar respirando a própria atmosfera do Céu.”² Na verdade, ela nem conseguiu dormir à noite, regozijando-se com o fato de que “Deus havia visitado Seu povo”.

Embora esse reavivamento não tenha sido o último do qual ela participou, talvez a análise de seu testemunho possa nos ajudar a redescobrir sua experiência e a pedir por aquilo que aconteceu naquele dia.

Reuniões em South Lancaster

Logo após a controversa assembleia geral realizada em Mineápolis, em 1888, Ellen G. White uniu-se a A. T. Jones e E. J. Waggoner a fim de ajudá-los a divulgar a mensagem que haviam apresentado. Segundo ela, “a luz que deveria iluminar toda a Terra com seu esplendor foi rejeitada” em Mineápolis, e “pela atitude de nossos próprios irmãos tem se conservado, em grande medida, afastada de todo o mundo”.³ A mensagem que ela levava estava “em estreita harmonia com a própria mensagem” que Jones e Waggoner apresentavam.⁴ O primeiro lugar em que eles pregaram foi South Lancaster, Massachusetts, Estados Unidos.

As reuniões, iniciadas em 11 de janeiro de 1888, estavam previstas para durar três dias. No entanto, o Espírito Santo tinha outros planos. “A poderosa atuação do Espírito de Deus estava lá”, comentou Ellen G. White.⁵ “Cada um desejava [...] testemunhar”, ela acrescentou.⁶ Isso levou os administradores a fechar o colégio durante o período em que se estenderam as apresentações. “Os alunos foram envolvidos por uma atmosfera celestial tão intensa, que os testemunhos dados superaram

até mesmo os depoimentos de 1844 antes do desapontamento. Aprenderam o que significa render o coração a Deus e estar convertido.”⁷

Assim, a conferência prevista para durar três dias foi transformada num evento de dez dias. Os participantes ficavam reunidos desde as primeiras horas da manhã até tarde da noite. A. T. Jones apresentou suas mensagens, duas ou três vezes por dia.⁸ Ellen G. White ficou encarregada de apresentar as mensagens devocionais da manhã e pregou o sermão no sábado. “Eu nunca vi uma obra de reavivamento avançar com tamanha profundidade”, ela lembrou.⁹

Mas, o que fez com que as reuniões fossem tão eficazes a ponto de os administradores fecharem a escola? Que mensagem foi compartilhada que levou os participantes a declarar que eles haviam “obtido uma experiência além de qualquer coisa que haviam visto antes?”¹⁰

Lições aprendidas

Ellen G. White falou em várias ocasiões a respeito da experiência vivida em South Lancaster, obviamente, desejosa de que tal evento de repetisse em outros lugares também. Cada um dos presentes pôde sentir que “os anjos do Senhor circulavam

ao redor daquele ambiente”¹¹ Tendo como base uma série de artigos que ela e S. N. Haskell escreveram relatando o evento e os sermões que ela pregou durante aquelas reuniões, podemos unir algumas peças para construir um quadro do que foi apresentado ali.¹²

Quando se examina a evidência de South Lancaster, o segmento principal, apresentado ao longo das várias reflexões de Ellen G. White é a grande ênfase que foi colocada sobre o amor, o perdão e a misericórdia e a graça de Deus. “O conhecimento do amor de Deus é o conhecimento mais eficaz a se obter.”¹³ Com essas palavras, ela iniciou seu sermão no sábado pela manhã, dia 19 de janeiro, e continuou: “Estou ansiosa para que todos desfrutem da misericórdia e do amor de Jesus. Quanto mais falarmos de Seu amor e poder, mais teremos para dizer de Sua ternura, compaixão e verdade.” Continuando, ela perguntou: “Por que nosso coração tem sido tão insensível ao amor de Deus? Por que fazemos tão duro julgamento de nosso Pai celestial? Segundo a luz que me foi dada, sei que Satanás tem deturpado o caráter de Deus, de todas as formas possíveis. Lançou sua sombra infernal atravessando nosso caminho, impossibilitando-nos de ver Deus como um Ser pleno em misericórdia, compaixão e verdade.” Então, apelou: “Existe algum coração aqui que não irá se render ao amor de Jesus?”¹⁴

Essas novas foram como música aos ouvidos dos participantes. “Eles enxergaram Cristo como “um Salvador que não está longe, mas sim, ao alcance de todo aquele que O procura”.¹⁵ Muitos “testemunharam da alegria de que Cristo havia perdoado seus pecados... e sentiram que podiam descansar no amor de Deus”.¹⁶

No primeiro sábado à tarde, dia 12 de janeiro, Ellen G. White ficou feliz por ter tido a liberdade de falar sobre a “necessidade de obedecer à lei de Deus”, e a importância de termos a “fé genuína que opera por amor”.¹⁷ Ela destacou a lei como a perfeita norma de justiça, e convenceu muitos participantes

de que eles eram transgressores dessa lei. “Muitos têm confiado em sua própria justiça”, ela comentou. “Agora, eles a veem como trapos imundos, em comparação com a justiça de Cristo, a única aceitável a Deus.”¹⁸

A junção da lei com o amor de Deus é o que Ellen G. White frequentemente mencionou como a “lei e o evangelho caminhando lado a lado”.¹⁹ Sendo a lei de Deus o padrão perfeito pelo qual a humanidade é julgada, e pelo fato de a obediência meramente humana não ser aceita por Deus, os seres humanos estão condenados por seus pecados e, assim, preparados para receber a justiça de Cristo. O coração é transformado pelo amor, perdão e pela graça de Deus, e entra em comunhão com Ele. Sendo que o coração foi transformado, Cristo pode então viver Sua vida no pecador.

Isso não era um paradigma tão difícil de experimentar, no entanto, Ellen G. White, A. T. Jones e E. J. Waggoner não promoveram tal mentalidade. Ellen G. White, por exemplo, mencionou em seu sermão do último sábado daquelas reuniões: “Há aqueles que acham que devem se tornar um pouco melhores antes de ir a Jesus. [...] Mas não podemos fazer isso. Nossa única esperança é olhar e viver.”²⁰ Refletindo sobre aquelas reuniões, ela comentou a respeito dos participantes: “Eles estavam lutando para se abster do pecado, mas confiavam em sua própria força.” Tais tentativas eram inúteis. Portanto, ela convidou todos a “ir para Jesus, assim como estavam, confessar seus pecados, e lançar-se desamparados sobre nosso compassivo Redentor”.²¹ Quando vamos a Jesus, em seguida, “podemos ficar em paz, acreditando que o que Deus prometeu, Ele é capaz de cumprir”.²²

Os frutos

Repetidamente, Ellen G. White falou do “poder de Deus [que] assistiu à mensagem onde quer que ela fosse pregada”.²³ Em vez de ser apenas um poder sentimental que “fazia cócegas” nas emoções das pessoas, muitos eram convertidos e se

reconciliavam um com o outro. “Eles foram transformados, refletindo essa mudança através de sua própria imagem.”²⁴ Confissões foram feitas, erros foram consertados, o eu foi crucificado, corações que estavam separados voltaram à harmonia um com o outro. Isso aconteceu porque “o plano de salvação ficou tão claro que mesmo uma criança em sua simplicidade podia entendê-lo”.²⁵ Ellen G. White disse: “Não se poderia convencer aquelas pessoas em South Lancaster, de que aquela não era uma mensagem de luz que tinha vindo diretamente para elas.”²⁶

Curiosamente, esses resultados não eram forçados. As reuniões transcorreram “livres de toda euforia indevida. Não houve nenhum apelo nem convite. As pessoas não foram chamadas para ir à frente”.²⁷

Poucas semanas depois, escrevendo para a *Review and Herald*, S. N. Haskell destacou o mesmo fato em uma das mais profundas reflexões sobre aquelas reuniões. Ele mencionou o seguinte: “O grande desejo manifesto era pela pureza de coração. Todos pareciam compreender que estávamos sob o juízo investigativo, e que tudo devia estar bem com Deus e entre os irmãos. A obra foi profunda e completa. Houve grande espontaneidade nas confissões apresentadas, o que raramente é testemunhado, e nada era forçado. Nenhuma pressão foi exercida sobre os participantes. Quando os pecados foram confessados, cânticos de louvor e ações de graças se seguiram de forma revivificadora. Foram ouvidas expressões como: ‘Eu nunca havia experimentado nada parecido com isso’; ‘parece que temos um novo evangelho’; ‘eu nunca havia entendido o amor de Deus assim como foi apresentado aqui’. A impressão solene que ficou para muitos era a de que aquilo era apenas algumas gotas do que será experimentado por aqueles que desempenharem seu papel no fechamento da obra de Deus – o alto clamor da terceira mensagem angélica, que irá amadurecer o grão para a colheita.”²⁸

Esse autoexame profundo e essas

confissões somente puderam acontecer porque aquelas pessoas tiveram a certeza do perdão divino para seus pecados. Haskell concluiu seu artigo com as seguintes perguntas para reflexão: “Será realmente verdade que estamos recebendo o derramamento do Espírito Santo, o qual irá crescer em poder e extensão até atingir o alto clamor da mensagem do terceiro anjo? Será que compreendemos que estamos no limiar do tempo de provas e das cenas do mundo eterno?” Quase sem acreditar em si mesmo, ele exclamou: “Estas coisas são verdadeiras!”

No encerramento daquelas reuniões, 17 pessoas foram batizadas, e muitas outras saíram dali com o mesmo desejo.

Reavivamento hoje

Alguns poderiam argumentar que o ambiente em que se encontrava o adventismo, mais de 120 anos atrás, foi totalmente mudado, e o que foi relevante para nossos irmãos em South Lancaster não é importante para nós hoje. Porém, creio que Ellen G. White discordaria disso. Eles difundiram a mensagem do amor de Jesus e da justificação pela fé em Cristo não apenas em South Lancaster, mas também em inúmeras cidades nos meses seguintes ao do reavivamento. Essa ênfase dupla o protegeu contra os extremos do legalismo – de tentar estabelecer sua justiça própria e merecer o amor divino – e do liberalismo – de proclamar que Deus nos ama tanto que não se importa com o que fazemos. Tal equilíbrio ainda é necessário e relevante para nós hoje.


Um ano depois das reuniões em South Lancaster, Ellen G. White compartilhou esta reflexão: “Essa mensagem, assim como foi apresentada, deveria estar em cada igreja que afirma crer na verdade e levar nossos irmãos a alcançar um nível mais elevado.”²⁹ Lamentavelmente, seu desejo ainda não havia sido realizado completamente.³⁰

O que podemos aprender sobre reavivamento, a partir do que aconteceu em

South Lancaster? Como podemos novamente experimentar e reproduzir o que ocorreu ali? Para começar, pensando no adágio popular, “não podemos dar o que não temos”. Portanto, nós mesmos precisamos estar intimamente familiarizados com o verdadeiro evangelho que tocou o coração de Ellen G. White. Para que isso aconteça, podemos ler, por exemplo *The Glad Tidings* e *Christ and His Righteousness*, de E. J. Waggoner,³¹ ou, mais frequentemente, o livro *Caminho a Cristo*, da própria Ellen G. White. Estudar a Bíblia e, em suas páginas, buscar Cristo e “Este crucificado”.

Quando formos contagiados pela mensagem do ilimitado amor de Cristo e de Sua poderosa graça, isso será refletido em nossa pregação. Encontraremos maneiras para pregar sobre todos os assuntos: mordomia cristã, profecias, saúde, qualquer que seja o tema, através das lentes deste evangelho motivador.

O que aconteceria se, em nossos concílios pastorais e assembleias, dedicássemos mais tempo ao estudo desses temas? Se realizássemos um retiro espiritual de dois ou três dias, para aprofundar nosso conhecimento nesse assunto, o qual, como bem expressou Ellen G. White, “vai absorver todos os outros”?³² Temos experimentado isso nos últimos anos em nossa Associação (Nordeste da Nova Inglaterra, Estados Unidos). Como pastores, temos passado alguns dias em nosso acampamento durante o outono, simplesmente orando e juntos estudando a Bíblia. Para nós, eles têm sido doces e emocionantes momentos de comunhão que nos deixam reavivados, revigorados e mais bem preparados para apresentar o Pão da vida aos membros de nossas igrejas.

Quando cada um de nós experimentar um reavivamento por meio dessas experiências, contagiaremos os irmãos em nossas igrejas e avançaremos para a vitória, desfrutando o reavivamento pleno e final que Deus ansiosamente deseja que experimentemos. 

Referências:

- 1 Ellen G. White, *Review and Herald*, 22 de março de 1887, p. 177.
- 2 _____, *Ibid.*, 5 de março de 1889, p. 146.
- 3 *The Ellen G. White 1888 Materials* (Washington, DC: Ellen G. White Estate, 1987), v. 4, p. 1575.
- 4 *Ibid.*, v. 2, p. 542.
- 5 *Ibid.*, p. 543.
- 6 Ellen G. White, *Review and Herald*, 5 de março de 1889, p. 146.
- 7 _____, “Draw Nigh to God”, *Review and Herald*, 4 de março de 1890.
- 8 Com base nos dados disponíveis, não me parece que E. J. Waggoner estivesse presente nas reuniões em South Lancaster.
- 9 Ellen G. White, *Review and Herald*, 5 de março de 1889, p. 146.
- 10 *Ibid.*
- 11 *Ibid.*
- 12 Para material auxiliar sobre o assunto, acesse http://www.adventistarchives.org/docs/RH/RH18890129-V66-05_B/index.djvu.
- 13 Ellen G. White, *Review and Herald*, 5 de março de 1889, p. 145.
- 14 _____, *Ibid.*, 26 de fevereiro de 1889, p. 129.
- 15 _____, *Ibid.*, 5 de março de 1889, p. 145.
- 16 *Ibid.*, p. 146.
- 17 *Ibid.*, p. 145.
- 18 *Ibid.*, p. 146.
- 19 Ver *1888 Materials*, v. 1, p. 217.
- 20 Ellen G. White, *Review and Herald*, 26 de fevereiro de 1889, p. 130.
- 21 _____, *Ibid.*, 5 de março de 1889, p. 146.
- 22 *Ibid.*, p. 145.
- 23 Ellen G. White, *Review and Herald*, 18 de março de 1890, p. 161.
- 24 _____, *Ibid.*, 5 de março de 1889, p. 146.
- 25 *1888 Materials*, v. 1, p. 371.
- 26 Ellen G. White, *Review and Herald*, 18 de março de 1890, p. 161.
- 27 _____, *Ibid.*, 5 de março de 1889, p. 146.
- 28 S. N. Haskell, *Review and Herald*, 29 de janeiro de 1889, p. 73.
- 29 Ellen G. White, *Ibid.*, 18 de março de 1890, p. 161.
- 30 Ver Ron Duffield, *The Return of the Latter Rain: A Historical Review of Seventh-day Adventist History From 1844 Through 1891* (n.p.: 4th Angel, 2010).
- 31 E. J. Waggoner, *The Glad Tidings* (Oakland, CA: Pacific Press, 1900); *Christ and His Righteousness* (Oakland, CA: Pacific press, 1890).
- 32 Ellen G. White, *Review and Herald Extra*, 23 de dezembro de 1890, p. 2.



Cortezia do autor

Deus não é o réu

Por que um Deus de amor teria ordenado o extermínio de nações inteiras?



Jo Card

Em 7 de janeiro, um ataque terrorista em Paris causou comoção em todo o mundo. Os irmãos Cherif e Said Kouachi (e outros dois cúmplices) atacaram a revista satírica *Charlie Hebdo*, deixando 12 mortos. A tragédia comoveu, ao despertar sentimentos de insegurança. Afinal, no horizonte cultural, ainda está clara a imagem do atentado ocorrido em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, e considerado o maior da História. Tais fatos trazem de volta uma questão bastante discutida: Atentados são frutos legítimos da religião muçulmana, que promoveria o Jihad ou “Guerra Santa” contra os infiéis?¹

Para os cristãos, voltar a discutir sobre a Guerra Santa em pleno século 21 adquire um significado mais abrangente. De fato, certo autor faz um levantamento de como cristãos ainda têm aplicado textos de livros como Josué para contextos bélicos. Por exemplo, em novembro de 2004, depois de um ataque à cidade de Falluya, usando textos de Josué, o capitão militar Kenny

Lee animou os sobreviventes a atacar os inimigos. “Cristãos têm repetidamente usado acontecimentos como a invasão de Jericó para assegurar para si mesmos que eles estão causando terror no mundo em nome de Deus e com a Sua bênção.”²

Ademais, a própria Bíblia igualmente endossa e narra eventos que tratam do que poderia ser enquadrado como “guerra santa”. Dessa forma, cresce a opinião popular de que o fundamentalismo religioso pode conduzir a uma expressão tão radical de religiosidade que toda liberdade perderia o sentido, dando margem à possibilidade de extermínio das minorias.³

Essas questões mencionadas merecem ser claramente respondidas. William Dembinski escreveu: “A questão, portanto, não é o que as pessoas fizeram em nome do cristianismo, mas o que o cristianismo é em essência.”⁴ A questão central é: Como um Deus de amor pode incumbir um povo de matar outro? Teria Deus algum prazer na guerra e no sofrimento dos inocentes?

Guerras na Bíblia

Yahweh convocou Moisés para libertar Seu povo escravizado pela nação egípcia. O Êxodo, além de livramento, foi também uma autorrevelação divina e um juízo contra o Egito (Êx 12:12). De tão notórias, as pragas que deram liberdade a Israel difundiram o nome de Deus até em Canaã (Js 2:10). Aliás, a ordem divina a Israel requeria a destruição dos povos de além do Jordão (Nm 33:51-56; Js 11:20).⁵ Cumpre recordar que Deus é o verdadeiro dono da Terra e a dá a quem quiser. A terra é tanto um dom de Deus, quanto algo que exigia a conquista dos israelitas.⁶

Aparentemente, houve uma ação genocida, envolvendo a matança indiscriminada de centenas de milhares de inocentes. Porém, ao atentarmos para a situação que os israelitas teriam que enfrentar, verificamos que eles não estavam lutando contra povos pacíficos. O próprio Jeová preveniu Moisés a respeito dos anaquins (Dt 9:1, 2).

Vale ressaltar que as leis bíblicas incluíam normas para a guerra (ver Dt 20),

o que integrava a cultura estabelecida.⁷ Contudo, Israel não reproduzia simplesmente a prática cultural. Israel não praticou a sangrenta crueldade presente nas inscrições assírias, e houve proibição à violação de mulheres. Até árvores frutíferas estavam protegidas.⁸

Não há um padrão uniforme, quando estudamos as guerras retratadas na Bíblia.⁹ Nem sempre o extermínio dos inimigos era ordenado na guerra. Isso difere da atitude dos inimigos de Israel, conhecidos por atos cruéis (Lm 5:2-15).

Por que Deus ordenou especificamente o extermínio dos povos de Canaã? Muitos comentaristas bíblicos se sentem pouco à vontade com a narrativa de extermínio,¹⁰ a ponto de a questão ser apontada como a mais difícil para a ética do Antigo Testamento.¹¹ Algumas formas de interpretar o texto foram propostas, muitas das quais acabam desqualificando o Antigo Testamento como Palavra de Deus, ou sublocando-o a uma categoria de revelação menor em relação ao Novo Testamento.¹²

De acordo com os registros históricos, os povos espalhados pela região eram proverbiais por sua maldade extrema, e o próprio Deus anunciou que a conquista da terra se daria em consequência das práticas iníquas daqueles povos (Dt 9:5).

Durante séculos, Deus havia permitido que os cananeus mantivessem sua rejeição ao que conheciam a respeito dEle. Eles tiveram e desprezaram oportunidades para obedecer-Lhe.¹³ Se compararmos Deuteronômio 2:20 com Gênesis 15:5, 6, veremos que as mesmas nações inter-relacionadas aparecem nos dois textos: refains, zuzins (ou zazumins), emins e anaquins.

Essas e outras nações cananeias tiveram contato com Abraão e puderam conhecer algo do Deus ao qual ele servia. Para os habitantes de Canaã haveria ainda um tempo de graça. Porém, tanto Deus sabia que os cananeus continuariam impenitentes, que prometeu a ocupação da terra deles pela descendência de Abraão (Gn 15:16).¹⁴

Existem fatos que nos ajudam a recordar o grau de depravação a que desceram as nações de gigantes e seus conterrâneos.¹⁵ Examinaremos mais de perto os costumes de Canaã para entender por que Deus ordenou a eliminação daqueles povos.

O câncer contaminou Canaã

Há um princípio bíblico de que o objeto de nossa adoração tem o poder de nos transformar, moldando nossa cultura, nossas preferências, reações e percepções (Jr 2:5; 2Co 3:18). Quando examinamos o panteão dos cananeus, entendemos os motivos para a subversão de sua cultura.

Os principais deuses, El e Asserá, eram um casal que teria gerado 70 filhos. Um deles, Baal, casou-se com uma de suas irmãs, Anat. Asserá seduziu Baal e ele contou o fato a seu pai. El encorajou o filho a aceitar relacionar-se com a mãe. Além disso, Baal tinha como consorte sua primeira filha, Pidary.¹⁶ Paralelamente, a sociedade canaanita orientou sua visão sobre incesto em conformidade com seus deuses. “As primeiras leis canaanitas prescreviam morte ou exílio para o incesto”, observa Clay Jones. “Depois do século 14 a.C., as penalidades foram reduzidas para não mais que um pagamento de uma multa”, ele conclui.¹⁷ Vale recordar que o século 16 a.C. é justamente a data do Êxodo, a saída de Israel do Egito. Os cananeus estavam maduros para o juízo.

A imoralidade dos cananeus também fazia parte de seu culto: os sacerdotes provavelmente realizassem os rituais nus. Sexo era parte do culto cananeu, porque a religião deles consistia em um culto de fertilidade.¹⁸ A sexualidade canaanita estava totalmente depravada por ocasião do Êxodo. O 199º estatuto das leis hititas dizia: “Se alguém tiver relações sexuais com um porco ou um cão, ele morrerá. Se um homem tiver relações com um cavalo ou mula, não haverá punições.”¹⁹

Diante disso, o que um Deus de amor deveria fazer? Se Deus não interviesse,

periodicamente, refreando o pecado e punindo os culpados, o que seria do mundo? Nas palavras de um estudioso, “gostaríamos de crer que tais coisas nunca aconteceram, ou se aconteceram, que elas nunca foram recomendadas por Deus”.²⁰ Entretanto, se uma mulher descobrisse um câncer de mama em estágio inicial, não iria operar antes que ele se instalasse irreversivelmente pelo corpo? Por mais traumática que fosse a cirurgia, perder a mama e continuar viva não lhe seria melhor do que definir até a morte? Os cananeus eram a parte afetada pelo câncer. Deus os amava, mas deixá-los vivos seria o mesmo que contaminar a humanidade com sua influência maléfica.²¹

Tal afirmação é verificável. Note que os israelitas não cumpriram completamente a ordem divina, deixando alguns resquícios dos cananeus nas terras que passaram a habitar (Jz 2:1-4). Eis o resultado: “A lição de juizes é que Israel se corrompeu porque eles não erradicaram os cananeus. Gideão ergueu um ídolo, Jefté sacrificou a filha, Sansão fez sexo com uma mulher cananeia. Isso é mostrado como evidência da corrupção dificilmente tolerável deles.”²²

Não restam dúvidas da malignidade dos cananeus. Eles sacrificavam crianças ao deus Moloque, praticavam a pedofilia, a homossexualidade, a bestialidade e eram extremamente sanguinolentos. Conquanto seja assim, acaso Deus tinha o direito de ordenar o extermínio de nações inteiras?

Justo Juiz

O erudito adventista Roy Gane questiona se há diferença entre o que Israel fez e outros casos de genocídio. Ele assume que Israel agiu com base na “direta revelação de Deus e levou a justiça retributiva em Seu nome”. Embora, segundo Gane, muçulmanos extremistas pudessem argumentar, alegando agir sob a orientação de Alá, em casos de atentados, há um ponto a ser considerado: “Qual divindade é verdadeira e, acima de tudo, tem autoridade final sobre a vida humana?”²³

Ao contrário de outras guerras religiosas, aquelas retratadas na Bíblia explicitam a participação de Jeová, principalmente por meio de fenômenos extraordinários dirigidos contra os inimigos (Êx 14:24; 2Cr 20:22-26; 32:21, 22).²⁴ É claro que a participação divina criava um contexto especial que jamais poderia ser reproduzido em outras circunstâncias.

Algumas medidas militares só tinham sentido no contexto de Israel com a presença do Senhor assegurada entre eles. Copan definiu bem esse aspecto do problema quando escreveu: "Alguns espetáculos televisivos alertavam as crianças: 'Meninos, não tentem fazer isso em casa.' Semelhantemente, nós poderíamos dizer sobre a situação da 'guerra santa' de Israel: 'não tente fazer isso sem revelação especial!'"²⁵

Outra razão para não aplicarmos literalmente as orientações dadas a Israel é que Deus instrui Seu povo de forma crescente, à medida que esse povo se relacione com Ele (2Pe 1:19). No caso em estudo, era primordial preservar o povo de um convívio venenoso, que impediria à nação de Israel o desenvolvimento suficiente, a fim de que por meio dela viesse o Messias.


Deus tinha que ser justo, punindo não apenas os pagãos que ameaçavam a espiritualidade e segurança de Israel, mas punindo até Seu próprio povo eleito, à medida que este também se separava de Seus ideais.²⁶ Deus nunca permitiu que Seu povo fosse completamente aniquilado²⁷ – sempre haveria um remanescente do povo chamado a cumprir a obra dos que se afastaram do ideal. Quando finalmente Israel falhou como nação, Deus convocou Sua igreja, formada a partir de um pequeno grupo de judeus.

Logo chegará a vez de Deus julgar o mundo (Ec 12:17). Uns entrarão pelos portais eternos, outros, por desprezarem a graça, serão exterminados como os cananeus, pela glória divina que retribuirá a cada um segundo as suas obras. O câncer será então finalmente extirpado de uma vez por todas! A destruição dos cananeus foi o ensaio, o concerto será em breve.

Infelizmente, mesmo os cristãos vêm perdendo o senso de que todos nos reportaremos diante do Juiz universal. Muitas vezes, alguns questionam se Deus não está agindo contra o livre-arbítrio dado aos seres humanos. Porém, é certo que o pecado traz consequências, as piores possíveis.

Qual é a razão de um rigor tão grande na punição do pecado? O pecado separa as criaturas de seu Criador, impedindo-as de ter uma vida útil e plena de amor. Aqueles que se identificam com o pecado e rejeitam a graça de Deus se afastam da fonte de vida e só poderão sofrer e fazer outros sofrerem. Por isso, é necessário que o juízo de Deus elimine aqueles que se apegam indissolúvelmente ao mal.

Considerando o grau de degradação em nossos dias, são válidas as seguintes considerações: "Este é o meu ponto: nós não compreendemos as profundezas da nossa própria depravação, o horror do pecado e a justiça de Deus. Consequentemente, não é de surpreender quando vemos o julgamento divino sobre aqueles que cometeram os pecados que cometemos, que queixas e protestos se ergam em nosso coração: 'Isto é barbárie divina!', ou: 'Isto é genocídio divino!' Mas o estudo dessas coisas ao longo dos anos tem me levado a perguntar se os cananeus não poderiam se erguer no juízo e condenar esta geração."²⁸

O Deus que odeia o pecado punirá o mundo de forma ainda mais terrível, para salvar aqueles que não se contaminaram com o pecado, mas escolheram lavar suas vestes (Ap 22:14), o que significa confiar na purificadora justiça de Cristo, permitindo que Ele remova toda mancha de pecado. Ainda é tempo de ser puros em meio à corrupção que impera neste mundo que, à semelhança de Canaã, caminha para o juízo. 

Referências:

¹ Ver John Paulien, *Armagedon at the Door: An Insider's Guide to the Book of Revelation* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing, 2008) 9-ss.

² Nick Solly Megoran, *The War on Terror: How Should Christian Respond?* (Nottingham, UK: Intervarsity Press, 2007), p. 72.

³ Hélio Schwartzman, *Folha de S. Paulo* 18/09/2012, p. A2.

⁴ William Dembinski, *The End of Christianity: Finding a Good God in an Evil World* (Nashville, TENN: Broadman & Holman, 2009), p. 15.

⁵ Ver outros exemplos: Dt 7:2; 20:16; Js 6:21; 10:1, 28, 30, 32, 35, 37, 39, 40; 11:9, 11, 12, 20-22.

⁶ Barna Magyarosi, *Holy War and Cosmic Conflict in the Old Testament: From the Exodus to Exile* (Berrien Spring, MI: Adventist Theological Society, 2010), p. 27, 30, 32, 33.

⁷ Daniel L. Gard em Stanley Gundri (ed), *Deus Mandou Matar? Quatro Pontos de Vista Sobre o Genocídio Cananeu* (São Paulo, SP: Editora Vida, 2006), p. 128.

⁸ Walther Eichrodt, *Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo, SP: Hagnos, 2005), p. 118.

⁹ Hans K. Larrondelle, *Armagedon: O Verdadeiro Cenário da Guerra Final* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 25.

¹⁰ Ver Roy E. Gane, *Israelite Genocide and Islamic Jihad*, Spectrum, 34, v. 3 (2006), p. 61.

¹¹ Paul Copan, *Is God a Moral Monster? Making Sense of the Old Testament God* (Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2011), p. 158.

¹² Ver A. James Reimer, *Christian and War: A Brief History of the Church's Teachings and Practices* (Mineápolis, MN: Fortres Press, 2010), p. 26-34.

¹³ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 434, 435.

¹⁴ Tremper Longman III, "O ponto de vista da continuidade espiritual", em Gundri, *Op. Cit.*, p. 181.

¹⁵ Gleason L. Archer Jr., *Merece Confiança o Antigo Testamento?* (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa edições Vida Nova, 2000), p. 196.

¹⁶ Clay Jones, *We don't Understand what Happened to the Canaanites: An Addendum to Divine 'Genocide Arguments'*, philosophia Christi, v. 11, nº 1 (2009), p. 57.

¹⁷ *Ibid.*, p. 57, 58.

¹⁸ *Ibid.*, p. 62; Francis D. Nichol (ed) *SDABC*, v. 1, p. 315.

¹⁹ Harry A. Hoffner Jr., *Incest and Bestiality in the Ancient Near East Orient and Ocident* (Germany: Neukirchen, 1973), citado em Clay Jones, *Op. Cit.*, p. 64.

²⁰ Gordon J. Wenhan, *Números: Introdução e Comentários* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1985), p. 219.

²¹ Ver Gleason Archer Jr., *Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas* (São Paulo, SP: Editora Vida, 1997), p. 153.

²² Clay Jones, *Op. Cit.*, p. 62.

²³ Hans K. Larondelle, *Op. Cit.*, p. 27.

²⁴ Paul Copan, *Op. Cit.*, p. 161.

²⁵ Gordon J. Wenhan, *Op. Cit.*, p. 219.

²⁶ Daniel L. Gard, *Op. Cit.*, p. 131, 132.

²⁷ *Ibid.*, p. 192.

²⁸ Clay Jones, *Op. Cit.*, p. 71, 72.



Gentileza do autor

Falso ou verdadeiro?

Esteja atento a alguns dos enganos espirituais mais comuns, a fim de proteger sua igreja e seu ministério

Por muitos séculos, cristãos devotos, bem como crentes de outras religiões, têm buscado proximidade espiritual com o Criador por meio de penitências, meditação, solidão e até sacrifícios. As pessoas identificam sua espiritualidade tendo como base critérios pessoais que nem sempre respeitam a teologia bíblica. Nos dias do Antigo Testamento, Deus repreendeu pessoas que sacrificavam os próprios filhos para conquistar a aceitação de seus deuses (Dt 12:2; 1Rs 3:2; 12:31). Esse tipo de devoção não é aceitável ao Deus da Bíblia; pertence a um gênero de enganos espirituais que têm confundido muitos adoradores.

A palavra “engano” é definida como “levar uma pessoa a crer que algo não é verdade” ou “falhar em admitir que algo é verdade”.¹ O engano espiritual pode ocorrer por pelo menos duas maneiras. A primeira é quando intencionalmente uma pessoa é induzida a crer que algo não é verdade. Isso ocorre mais facilmente quando a distância entre a verdade e a mentira é curta e quando na pessoa é sistematicamente inculcada a mentira, atividade conhecida como “lavagem cerebral”. Jesus advertiu contra os falsos profetas que, para enganar as pessoas, apresentam-se “disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores” (Mt 7:15). Por outro lado, existe o autoengano. Esse fenômeno ocorre no contexto religioso cristão, quando o crente aceita sinceramente uma crença ou prática falsa como se fosse verdade.

O autoengano é definido como “a ação ou prática de crer em algo falso ou que não tem sido validado”.² Então, o autoengano pode representar pessoas que intencionalmente têm descartado evidência empírica contrária à realidade. Também representa pessoas que acreditam sinceramente em algo incorreto. Exemplo disso é a atitude de alguém acreditar que, matando certas pessoas está fazendo a vontade de Deus (Jo 16:2).³

Pessoas que buscam ligação espiritual com Deus podem estar autoenganadas, fazendo algo errado pensando que estão certas. O apóstolo Paulo repreendeu os cristãos coríntios por pretenderem ser espirituais ao passo que seu estilo de vida era igual ao do mundo. Entre eles havia “ciúmes e contendas”. Embora fossem cristãos adultos, o apóstolo teve que tratá-los como “crianças em Cristo” (1Co 3:1-3). Paulo encontrou problemas semelhantes na igreja da Galácia. Ali, alguns membros haviam abandonado a fé, cedendo à influência de faltos mestres (Gl 3:1). Cristãos que não estão firmemente alicerçados na verdade podem facilmente ser confundidos e levados a aceitar crenças e práticas enganosas.

O próprio Cristo advertiu que, antes de Sua vinda, muitas pessoas enganadas reivindicarão o reino do Céu, mostrando sinais e prodígios supostamente genuínos, embora para Jesus não passem de enganos espirituais. Sua resposta será: “Apartem-se de Mim” (Mt 7:23). O mais alarmante é que alguns enganos realizados por tais pessoas

incluem a expulsão de demônios em nome de Jesus (Mt 7:22).

Satanás é especialista em falsificar a verdade para desencaminhar os seguidores de Cristo. Para isso, ele usa falsos e eloquentes mestres capazes de “enganar, se possível, os próprios eleitos” (Mt 24:24). Há falsos mestres que, sabendo estar errados, enganam pessoas com objetivos maléficos. Na igreja também existem mestres autoenganados que ensinam erros crendo sinceramente que estão sendo guiados pelo Espírito Santo. Porém, o fruto de seu trabalho é destrutivo.

Cristãos autoenganados costumam ser críticos, acusadores e com frequência causam sofrimento à congregação. Analisemos alguns dos enganos espirituais mais comuns, a fim de protegermos nossas igrejas e nosso ministério.

Comportamento externo

O comportamento externo é frequentemente usado como uma das regras para avaliar a espiritualidade das pessoas. Sendo que o comportamento externo geralmente é controlado pelo que a pessoa crê e entende, é natural que ele seja critério para julgar a conduta. Ellen G. White afirma que as ações dos seres humanos determinam a “santidade do coração”, e que a ausência de espiritualidade e santidade “leva às más ações” e a “todo pecado odioso e abominável”.⁴

Embora as ações humanas sejam dirigidas pela mente, a pessoa pode acomodar hipocritamente sua conduta para enganar

o ambiente social em que vive ou para disfarçar seu verdadeiro comportamento. A Bíblia rejeita a hipocrisia e assinala que Deus valoriza um coração puro e o enfeite incorruptível de um espírito honesto, sincero, afável e aprazível (1Pe 3:3, 4).

O comportamento externo falso é severamente denunciado pelas Escrituras. Cristo repreendeu os fariseus que oravam eloquentemente nas praças, dizimavam meticulosamente de tudo, incluindo “da hortelã, do endro e do cominho”, mas ignoravam “a justiça, a misericórdia e a fé” (Mt 23:23; 6:5).

Paulo é outro escritor bíblico que advertiu contra o comportamento censurável coberto pela “aparência de piedade”, porém negando a eficácia da fé. Ele recomendou que seus leitores descartassem essas pessoas (2Tm 3:1-6). Pedro fez advertências semelhantes, ao escrever sobre crentes que usavam a liberdade como “pretexto da malícia” e os aconselhou a viver “como servos de Deus” (1Pe 2:16).

O comportamento espiritual falso geralmente é caracterizado pela contradição entre discurso e conduta. Em contraste, a verdadeira espiritualidade é atestada por integridade e consequente comportamento. Não é suficiente dizer que somos bons, devemos demonstrar isso com fatos. O mais eloquente sermão nem sempre necessita de palavras; ele pode ser feito por ações motivadas pelo amor. As obras de amor são mais poderosas e influentes do que a eloquência das palavras vazias. “O que uma pessoa é tem mais influência do que o que ela diz.”¹⁵

O falso comportamento externo será desmascarado. Conforme as palavras de Jesus, “nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido” (Lc 12:2). Com isso, o Senhor animou Seus seguidores a ser verdadeiros e a não temer declarar publicamente a verdade, pois a verdade prevalecerá sempre.

A verdadeira espiritualidade é mais que atos pretenciosos externos; é revelada por atitudes genuínas de amor dirigidas pelo

Espírito Santo. Atos pretenciosos falsos podem enganar temporariamente as pessoas, mas nunca poderão enganar a Deus.

Identificação subcultural

Nos dias de Jesus, muitos judeus se orgulhavam de ser descendentes de Abraão (Mt 3:39). Acreditavam que a herança genealógica do patriarca os tornava superiores a outras pessoas. Essa crença foi criticada por Jesus, que enfatizou a dissonância do comportamento deles com as expectativas assinaladas nas Escrituras. Firmemente, Ele revelou a verdadeira descendência deles: “Vocês são do diabo, que é pai de vocês e querem satisfazer os desejos dele” (Jo 8:37-44). Se eles fossem verdadeiros seguidores de Abraão, teriam reconhecido Jesus como Filho de Deus e O teriam aceitado como Salvador. Em vez disso, rejeitaram Sua autenticidade messiânica, Seus ensinamentos e trataram de destruí-Lo por meio de subterfúgios e mentiras.

A identificação subcultural é um engano muito comum entre pessoas que se orgulham da própria herança, ascendência, origem, cultura ou tradição. Pessoas cujos antepassados têm a mesma religião por várias gerações podem pensar que são melhores que as demais; porém, devem lembrar-se de que o que somos é mais importante do que nossa origem. O caráter é mais importante que a herança ou tradição. Alguém pode ser membro da verdadeira igreja de Deus, vestir-se de maneira conservadora, manter as normas cristãs tradicionais, assistir regularmente aos cultos e ter o diabo como pai.

O veredito de Jesus sobre os fariseus e saduceus tinha como base as pretensões ambiciosas e o comportamento vazio deles. Isso ocorre em nossos dias com cristãos que se orgulham de uma espiritualidade que não podem atestar com os frutos do Espírito, o verdadeiro selo da identidade cristã. Pessoas que são detalhistas na letra, porém, se esquecem do mais importante dos oráculos divinos (a justiça, a misericórdia e a fé)”. A sentença final de Deus para

tais pessoas será: “Apartem-se de Mim os que praticam a iniquidade” (Mt 7:22).

Pureza doutrinária

Frequentemente o conhecimento teórico das doutrinas é considerado sinal de verdadeira espiritualidade. Contudo, interpretações particulares das doutrinas bíblicas não garantem pureza doutrinária nem são provas da direção do Espírito Santo. A posse da verdadeira interpretação bíblica não garante comportamento cristão apropriado. Assim, a jactância na pureza doutrinária pode ser incluída na lista dos enganos espirituais.

A Bíblia é a infalível Palavra de Deus. Porém, as construções teológicas individuais não são infalíveis. O raciocínio e a imaginação humana são falhos e geralmente sua interpretação das Escrituras está sujeita a erros. A existência de tantas denominações cristãs indica que a interpretação da Bíblia é responsável por isso. Estima-se que haja mais de 41 mil denominações cristãs no mundo, reivindicando pureza doutrinária e a direção do Espírito Santo.⁶

Pureza doutrinária significa a cristalização correta de ensinamentos bíblicos. A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem 28 crenças fundamentais, claramente definidas no *Manual da Igreja*. Essas crenças conferem à denominação uma frente unida das principais crenças bíblicas e se constituem salvaguarda contra os “lobos roubadores”, cujo objetivo é subverter o rebanho e destruir sua fé (At 20:29, 30). Além disso, as crenças fundamentais provêm direção e estabilidade ao corpo de Cristo, Sua igreja.

São muito comuns pontos de vista doutrinários em uma denominação. Algumas crenças têm sido interpretadas de modo controverso por alguns membros da igreja adventista. Entre essas crenças estão a Trindade, encarnação de Cristo, normas cristãs, ordenação da mulher, entre outros assuntos. Interpretações particulares da Bíblia, com frequência, são a razão pela qual algumas pessoas acreditam ser mais espirituais do que outras.

As diferenças doutrinárias têm dividido a igreja cristã desde os tempos bíblicos. Em suas cartas às igrejas de Corinto e Galácia, Paulo buscou a unidade em temas doutrinários que causavam divisão. Alguns membros se uniam a Cefas, outros a Apolo e ainda outros a Paulo (1Co 1;12; 3:4). Hoje, líderes de movimentos dissidentes se ocupam em mostrar que são portadores da doutrina pura, julgando instituições e pessoas tendo como base seu juízo finito e com frequência desinformado.

O Novo Testamento assinala que no tempo do fim, alguns seguidores de Cristo serão seduzidos por “doutrinas várias e estranhas” (Hb 13:9) que os submeterão a preceitos humanos (Cl 2:21, 22). Paulo observa que o acolhimento a tais crenças levará alguns ao abandono da fé (1Tm 4:1). Jesus e Pedro advertiram contra o perigo de falsos mestres e profetas que, reivindicando ter a verdade, “introduzirão dissimuladamente heresias destruidoras” (2Pe 2:1; Lc 17:23).

Jesus comparou ao fermento as doutrinas mal interpretadas dos fariseus e saduceus (Mt 16:11, 12; Lc 12:1). Por causa de seu poder de decomposição, o fermento, do latim *fermentum*, não era permitido pela Bíblia em algumas ofertas de pão (Êx 23:18; 34:25; Lv 2:11; 6:17). Uma vez diluído, o fermento leveda o produto com o qual entra em contato. Assim, Jesus comparou a influência dos falsos ensinamentos dos fariseus e saduceus à influência do fermento. A interpretação errônea das profecias os levou a rejeitar Jesus como o Salvador e a impor observâncias de tradições humanas. Para eles, lavar as mãos antes de comer era mais importante que a própria vida de Jesus a quem procuravam matar (Mt 15:1-3; Jo 7:1, 2).

As crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia têm como objetivo manter a pureza doutrinária e a unidade eclesial. Além disso protegem os crentes contra falsas crenças e os detratores que reivindicam ser mais espirituais que os demais.

Envolvimento com a igreja

De acordo com Ellen G. White, embora seja verdade que a fé que nos une a Cristo nos motiva à atividade, nossas “atarefadas atividades não nos asseguram, por si mesmas, a salvação”.⁸ O envolvimento ativo no trabalho da igreja que leva ao descuido da vida devocional e da família, é sinal de decadência espiritual. Esse engano espiritual é muito usado por muitos cristãos como véu para esconder pecados secretos e comportamento cristão impróprio. Ele se constitui um mecanismo de defesa para apaziguar uma consciência culpada ou para ocultar uma vida desequilibrada.

“De todos os enganos espirituais, o êxito ministerial e em qualquer outra área de trabalho constitui-se o engano mais perigoso. O problema é o êxito sem caráter, o tipo que é obtido por meio de estratégias, enganos e outros meios censuráveis”

Por mais benéfica que seja, a participação nas atividades da igreja não pode substituir a verdadeira espiritualidade e a harmonia com os princípios morais divinos. A verdadeira espiritualidade combina a devoção vertical com a participação horizontal caracterizada pelo amor. A obediência e os atos de amor não podem ser substituídos por “nenhuma atividade diligente, nem o zelo desprovido de Cristo”.⁹ O bulício e a ostentação levam ao descuido da “meditação e da oração”. “A atividade intensa” na igreja de Deus pode obstruir a mente a ponto de substituir “a verdadeira bondade, mansidão e humildade de coração” por “autossuficiência”.¹⁰

A participação como único meio para obter espiritualidade ou disfarce para esconder a verdadeira espiritualidade resulta em uma religião fria e calculista.

Sucesso

De todos os enganos espirituais, o êxito ministerial e em qualquer outra área de trabalho constitui-se o engano mais perigoso, porque Deus prometeu abençoar Seus filhos fiéis com o êxito (Sl 1:1-3; Pv 13:4; 3Jo 2). Deus fez José prosperar no Egito e respondeu positivamente quando Neemias orou pedindo êxito (Ne 1:11). Acaso isso significaria que todo êxito conseguido por cristãos provém de Deus?

O problema de ter o êxito como base para a espiritualidade é a presença do êxito sem caráter, o tipo que é obtido por meio de estratégias, enganos e outros meios censuráveis. A palavra caráter, do grego *dokimé*, é usada uma vez no Novo Testamento pelo apóstolo Paulo (Rm 5:4) para se referir a cristãos genuínos, que têm sido examinados, provados, e aprovados.¹¹ Assim, o êxito espiritual e o caráter são dois aspectos cristãos que não podem ser separados.

O êxito sem caráter é comum entre pessoas que não temem a Deus e que transgridem abertamente as leis divinas em benefício próprio ou por desejos particulares. Infelizmente, nem a igreja nem o ministério estão imunes a esse tipo de doença espiritual. Para obter êxito, o cristão tem que vencer a tentação e se abster de usar meios antiéticos. Por exemplo, Judas era “considerado de grande influência pelos discípulos, e exercia grande influência sobre eles”. Porém, nunca “renunciou às suas ambições terrenas, nem a seu amor ao dinheiro”.¹² Sua história apresenta o triste fim de uma vida que podia ter sido aceita por Deus, porém, por causa da ambição, terminou em morte sem esperança. Essa história foi preservada na Bíblia como “advertência para

todos quantos, como ele, traissem sagrados depósitos”¹³

Pastores, evangelistas e administradores podem sucumbir à pressão imposta por números e resultados, e se esquecer da importância do caráter cristão. Sob pressão de exigências financeiras, tesoureiros podem não ser exatos nas informações. Premidos pela tirania de alvos batismais, um evangelista pode se esquecer de que há princípios bíblicos associados à evangelização, tais como discipulado e a conservação dos conversos. Constrangido pelo tempo e pelos rigores acadêmicos, o estudante pode recorrer ao plágio e a outras táticas desonestas para completar seus estudos. Esse tipo de êxito é comum em uma sociedade materialista e secular, mas é rechaçada por Deus, Aquele que é onisciente, que conhece tudo e julga tudo.

O conceito de espiritualidade provém da terceira Pessoa da Divindade, o Espírito Santo. De acordo com Paulo, “os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de

Deus” (Rm 8:14); de maneira que uma pessoa espiritual é a que mostra uma relação próxima com o Espírito Santo e que frutifica. Paulo assegurou que o principal fruto do Espírito é o amor, do qual emana uma série de circunstâncias descritas à igreja da Galácia (Gl 5:22, 23).

Ao longo da História têm surgido muitos enganos como substitutos da verdadeira espiritualidade. Apesar disso, a Bíblia declara que o fruto do Espírito Santo, o amor, é a verdadeira identidade das pessoas que são guiadas pelo Espírito Santo. Uma pessoa espiritual é aquela que manifesta o fruto do Espírito em seu estilo de vida. Outros meios para se obter a espiritualidade podem cair na categoria de enganos espirituais. **TM**

Referências:

¹ Michael Agnes, *Webster's New World College Dictionary* (Foster City, CA: IDG Books Worldwide, 2001), p. 374.

² *Concise Oxford English Dictionary*, “Self-deception”.

³ Outro exemplo pode ser o que a Bíblia chama de “pecar por ignorância” (Lv 4:2), também chamado de pecado desconhecido. Embora não sejam intencionais, esses pecados ofendem a Deus, ao ponto de que, uma vez revelados, os ofensores deviam apresentar a Deus um sacrifício de animal em reconhecimento de sua ofensa (Lv 4:13, 22, 23). Semelhantemente, pessoas que buscam proximidade espiritual com Deus devem corrigir qualquer comportamento errôneo, tão logo seja revelado.

⁴ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 396.

⁵ _____, *A Ciência do Bom Viver*, 372.

⁶ Estudo publicado em 2011, pela revista *Christianity Today*, <http://christianity.about.com/od/denominations/p/christiantoday.htm>

⁷ Geoffrey W. Bromiley, *The International Standard Bible Encyclopedia* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1986), v. 3, p. 97, 98.

⁸ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 2, p. 20.

⁹ _____, *O Maior Discurso de Cristo* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing, 1964), p. 107.

¹⁰ _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 4, p. 526, 527.

¹¹ Geoffrey W. Bromiley, *Op. Cit.*, v. 1, p. 634.

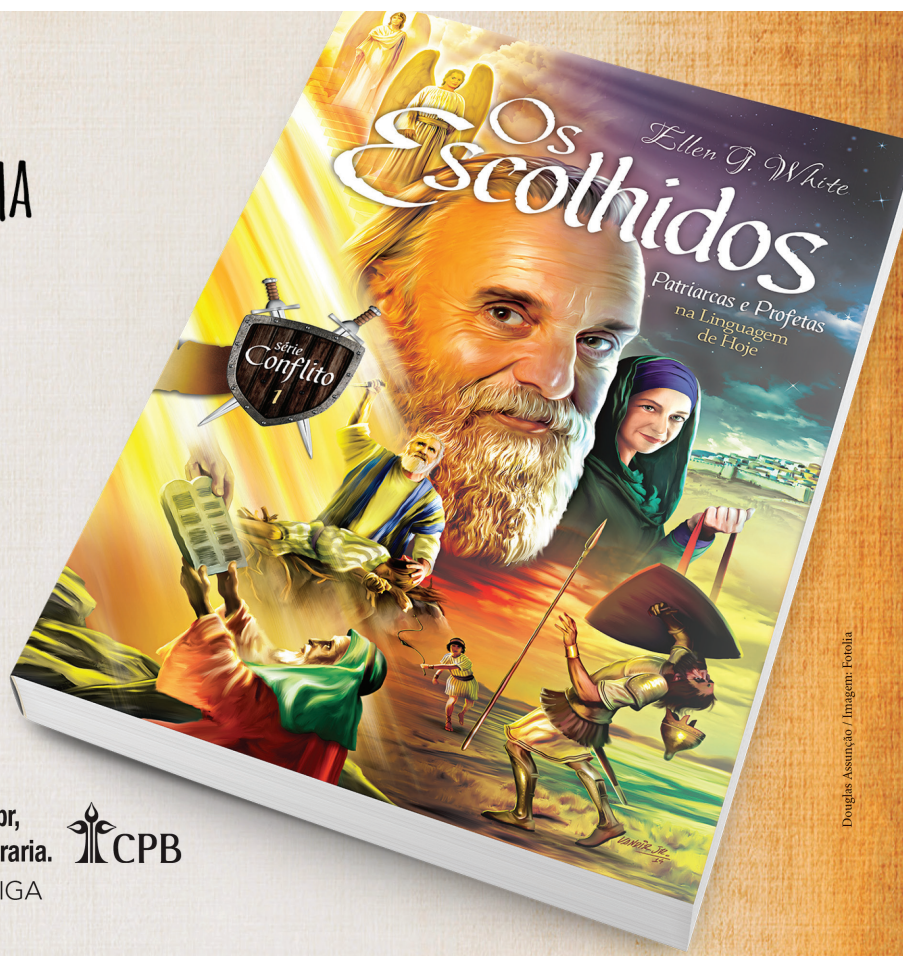
¹² Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 717.

¹³ *Ibid.*, p. 716.

A SÉRIE CONFLITO, DE ELLEN G. WHITE, PARA UMA NOVA GERAÇÃO DE LEITORES

Chegou *Os Escolhidos*, o primeiro volume de uma coleção de cinco livros adaptados dos escritos de Ellen G. White, que traz para adolescentes e jovens as grandes verdades publicadas na série Grande Conflito.

Numa linguagem moderna e mais acessível, *Os Escolhidos* é uma versão do livro *Patriarcas e Profetas*. Conta o início do pecado e o desenrolar do plano da redenção, com homens de fé como Noé, Abraão, Jacó, Moisés e Davi, entre outros escolhidos para levar a mensagem do amor e da graça de Deus. Inicie hoje sua coleção.



Para adquirir, ligue 0800-9790606, acesse www.cpb.com.br, dirija-se ao SELS de sua Associação ou visite uma CPB livraria.



Ou envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA e entraremos em contato com você!



Cortezia do autor

Teodiceia do grande conflito

A certeza de que estamos ligados a um poder maior do que qualquer inimigo é uma fonte de conforto e força

Um dos meus professores favoritos na faculdade foi o professor de Religião. Aquele professor apreciava os temas que ensinava. Era bom comunicador e gostava de estar com os alunos. Tinha um tremendo senso de humor e era estudioso.

Dois anos depois de minha formatura, eu soube que ele estava enfrentando problemas de saúde. O diagnóstico logo se tornou conhecido: "esclerose múltipla". Então, a faculdade me pediu que cobrisse uma de suas aulas por algumas semanas durante sua licença médica. Ele conseguiu voltar à sala de aulas e ensinar durante algum tempo, mesmo estando em uma cadeira de rodas. Mas o avanço da doença tornou isso impossível. Finalmente se aposentou e foi morar em outra comunidade. Certo dia, durante a visita do pastor da igreja, ele comentou: "Toda guerra tem vítimas. Há uma grande guerra acontecendo no Universo entre o bem e o mal, e eu sou uma das vítimas desse conflito."

A presença e propagação do sofrimento no mundo é um grande desafio à nossa crença religiosa. Se Deus é perfeito, bondoso e poderoso, perguntam os filósofos, como Ele pode, então, permitir a existência do sofrimento? Se Deus realmente se importa comigo, por que Ele permite que eu sofra? Ao longo dos anos, as pessoas têm respondido a essas questões de maneiras diversas. Algumas acreditam que os planos de Deus são perfeitos, e embora não possam compreender tudo, creem que o sofrimento seja parte do plano divino. Outras

peçoas acreditam que o sofrimento não é da vontade de Deus, mas resultou dos erros que algumas de Suas criaturas cometeram. E ainda outras argumentam que o sofrimento tem seus benefícios, e nós podemos aprender e crescer em resposta a ele.

Essas e outras formas de responder ao sofrimento, as *teodiceias* como são frequentemente chamadas, têm recebido atenção especial dos estudiosos. Cada uma tem seus pontos fortes, cada uma levanta algumas questões e, o mais importante, as pessoas que sofrem descobrem no sofrimento uma fonte de encorajamento pessoal.

"Um inimigo fez isso"

Diante de sua grande perda, meu professor chamou de "teodiceia do conflito cósmico" a batalha em que os seres humanos estão envolvidos entre as forças do bem e do mal. No centro desse conflito está a imponente figura do arqui-inimigo de Deus. Esse inimigo é o único responsável por tudo o que está errado e enfermo nas coisas criadas por Deus. Essa figura aparece em diversas partes da Bíblia. Um exemplo bem conhecido é o prólogo do livro de Jó (capítulos 1 e 2).

O Senhor permitiu que Satanás testasse Seu servo fiel. Além disso, o diabo também apareceu como grande adversário de Jesus, tentando-O no deserto (Mt 4:1-11; Lc 4:1-13). O livro do Apocalipse apresenta um vívido retrato desse conflito cósmico: "Houve peleja no Céu. Miguel e os Seus anjos pelejaram contra o dragão. Também

pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no Céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a Terra, e, com ele, os seus anjos" (Ap 12:7-9).

Para muitos que sofrem, a ideia de um conflito cósmico é de particular ajuda. Compreendem que seu sofrimento não vem de Deus, mas de algo totalmente oposto a Deus e causado por um poder diabólico que faz tudo o que pode a fim de tornar miserável nossa vida. Assim, em vez de ficarmos perguntando por que Deus permite, ou se Ele tem a intenção de usar o sofrimento para algum propósito, nossa resposta deve ser: "Um inimigo fez isso" (Mt 13:28), e lançar a culpa sobre esse inimigo.

Nos últimos anos, a figura do diabo tem aparecido com pouca frequência nas discussões filosóficas sobre o "mal". Contudo, para alguns pensadores, a ideia do arqui-inimigo de Deus é indispensável para uma abordagem correta do sofrimento. Por exemplo, Gregory A. Boyd, em sua "cosmovisão da guerra trinitária", coloca a responsabilidade pelos sofrimentos do mundo diretamente sobre o diabo.¹

Em relação à pergunta: "Devemos culpar Deus pelo sofrimento?", Boyd responde com um enfático "não!"² Deus tem inimigos, ele argumenta, e esses têm grande poder. Eles são os responsáveis pelas tristezas e desgraças do mundo. Satanás e sua corte, que uma vez foi angelical e agora é demoníaca,

são as forças que atuam por trás do conflito e do derramamento de sangue da história humana. Sua interferência com os processos da natureza tem transformado o mundo, de um lar perfeito planejado por Deus, em um ambiente sinistro e ameaçador, marcado pela dor, enfermidade e morte.³

Ainda de acordo com Boyd, o conceito de uma guerra cósmica responde às indagações e aos questionamentos suscitados pelo sofrimento: Como pode um Ser perfeito permitir isso? Por que tenho que sofrer? A existência do sofrimento não foi algo confuso para os que viveram durante a época da história bíblica, ele observa, nem para aqueles dos séculos seguintes. Ao contrário, eles estavam cientes da presença dos poderes do mal, e atribuíram os males da vida a esses poderes, não a Deus. Se o Universo é habitado por uma hoste de seres que se opõem a Deus, e causam morte e destruição, não é de surpreender o fato de que sofremos. Surpreendente seria se não sofrêssemos.

Do ponto de vista da teodiceia do conflito cósmico, não sofremos porque Deus deseja que sofram, mas sim, porque vivemos em uma zona de guerra. Sofremos porque os inimigos de Deus estão ativos no mundo e nos tornamos vulneráveis a seus ataques.⁴ Assim, é inútil procurar uma razão ou finalidade específica para o sofrimento.

“Quando aceitamos a cosmovisão bíblica desse conflito, o problema intelectual do mal se transforma no problema prático do mal.”⁵ Livres, então, do ônus de explicar ou compreender o sofrimento, e fortalecidos pela vitória alcançada pela morte e ressurreição de Jesus, somos chamados a nos unir a Deus resistindo às forças do mal e aliviando o sofrimento.

Conflito dos séculos

Gregory Boyd não está sozinho entre os estudiosos cristãos que atribuem ao diabo o papel proeminente na culpa pelo sofrimento humano. Em sua opinião, Ellen G. White⁶ é “quem relaciona essa perspectiva de guerra com o problema do mal e a doutrina de Deus, mais profundamente que qualquer

outro na história da igreja”.⁷ O tema central da teodiceia descrita por Ellen G. White aparece no título de sua série de livros mais influentes, *O Conflito dos Séculos*, bem como no título de seu livro mais influente, *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*. Conforme menciona o prefácio desse livro, seu propósito é “apresentar uma solução satisfatória para o grande problema do mal”.⁸

À semelhança de Boyd, Ellen G. White apresenta o sofrimento humano dentro da moldura do conflito cósmico. O conflito começou com uma revolta contra Deus entre o mais alto nível de seres criados, e isso somente vai terminar quando os inimigos de Deus perecerem e os propósitos amorosos de Deus para Sua criação, finalmente, forem concretizados. Nessa perspectiva, o diabo é a fonte de todos os males do mundo, e tudo o que faz com que a vida humana seja miserável é, em última análise, atribuído à nossa participação em sua rebelião contra Deus.

Antes dessa rebelião, Lúcifer foi um ser majestoso, querubim-cobridor e líder da hoste angelical (Ez 28:14, 15). A despeito de sua elevada posição e grande inteligência, ele, de maneira misteriosa e inexplicável, questionou a autoridade de Deus. Lúcifer despertou suspeitas em seus companheiros e, quando a oposição deles se tornou declarada, foram expulsos do Céu.

Quando Adão e Eva comeram da árvore proibida, sua deslealdade a Deus os deixou vulneráveis aos ataques dos inimigos de Deus. Desde então, Satanás e seus anjos têm estado ocupados “causando estragos” na Terra. Essas forças sinistras são responsáveis por tudo o que ameaça a vida e o bem-estar humano, desde as catástrofes naturais e doenças orgânicas até o pecado individual, em todas as suas manifestações. Sob a aparência de atividade humana, o curso da História consiste no conflito entre Deus e Satanás, enquanto esses grandes poderes prosseguem em seus objetivos contrastantes para a Terra, cada um tentando contrafazer e prejudicar o trabalho do outro.

Ellen G. White menciona que a questão central no grande conflito é o caráter de Deus, ou, mais precisamente, a reputação de Deus.⁹ A persistente acusação de Lúcifer é que Deus é tirano e abusivo, indigno da devoção de Suas criaturas. Para resolver o conflito, Deus providenciou uma revelação definitiva do Seu caráter. A dádiva de Seu próprio Filho demonstra vividamente o amor divino e expõe a nulidade das acusações de Satanás. A cruz foi o ponto da virada na grande controvérsia. Com a morte de Cristo, “rompidos os últimos vínculos entre Satanás e o mundo celestial”. Então, “todo o Céu triunfou na vitória do Salvador. Satanás foi derrotado, e soube que seu reino estava perdido”.¹⁰ Quando o mal foi finalmente erradicado do Universo, a “terrível experiência de rebelião” servirá como “perpétua salvaguarda a todos os seres santos, impedindo-os de ser enganados quanto à natureza da transgressão, livrando-os de cometer pecado e sofrer seu castigo”.¹¹

Dúvidas

Nenhuma teodiceia é mais dramática do que essa do conflito cósmico, destacando a enigmática figura de Lúcifer, o anjo querubim cobridor que se tornou o arqui-inimigo de Deus. Mas, como toda tentativa de explicar o surgimento do mal no mundo de Deus, essa abordagem levanta algumas questões importantes. Uma delas diz respeito à sua plausibilidade. Existiria, de fato, um conflito cósmico acontecendo ao nosso redor? Estaríamos rodeados de personagens invisíveis? Será possível que existem realmente poderes sobre-humanos influenciando o curso da nossa natureza e história?

Essa visão das coisas parece não ter sentido diante da perspectiva moderna de vida. Hoje, instintivamente as pessoas se voltam para a ciência e a tecnologia a fim de compreender o mundo em que vivemos, em vez de forças sobrenaturais. Elas raramente falam sobre anjos, demônios ou outras personalidades invisíveis para explicar as coisas que acontecem.

Há também pessoas que questionam o real conceito de um conflito cósmico. A ideia de um agente sobre-humano, cuja revolta engloba todo o Universo e se torna uma verdadeira ameaça para o governo de Deus, parece incoerente à luz do conceito tradicional de poder e sabedoria divinos. Como poderia um ser criado representar um sério desafio para Deus? Afinal de contas, como Criador, Deus não somente trouxe o Universo à existência; mas, é pelo Seu poder que tudo o que existe é sustentado, momento após momento. Portanto, se tudo o que foi criado deve sua existência a Deus, como poderia qualquer criatura, até mesmo a mais altamente exaltada, representar uma real ameaça a Deus? O que esses seres inteligentes esperavam ganhar ao contestar a supremacia divina, se eles sabiam que Deus poderia aniquilá-los instantaneamente?

Apelo atrativo do conflito

Quaisquer que sejam as questões levantadas, há muitas pessoas que acham a ideia de um conflito cósmico não somente plausível, mas útil. Boyd afirma que o secularismo, com sua negação do sobrenatural, já não é tão influente como antes. Com o “despertar pós-moderno” das últimas décadas, as “estruturas das modernas categorias naturalistas ocidentais” estão se tornando cada vez mais irrelevantes, e as pessoas estão menos dispostas a descartar a perspectiva de outras eras históricas e outras eras implausíveis, “primitivas”, ou “supersticiosas”.¹²

É claro que, em nível popular o sobrenatural nunca perdeu sua atração. Anjos têm sido destaque no cinema e na televisão. Milhões de pessoas estão intrigadas com o diabo. Ele é um personagem familiar em filmes e novelas. Aparece com destaque em uma gama de fenômenos religiosos, evocando respostas que vão desde medo, repulsa, desafio e admiração, até mesmo a adoração. E ele ainda aparece na psicologia popular.¹³

Outro fator aponta para uma sobre-humana fonte do mal. Certas formas de sofrimento são de tal magnitude que desafiam

a compreensão. De fato, somente uma causa sobre-humana e de proporções cósmicas poderia explicá-las. O Holocausto criou a ideia plausível do diabo para muitos no século 20. Todos nós podemos nos lembrar de casos de crueldade e violência, tão ultrajantes, tão além do que os seres humanos podem suportar e sequer imaginar, que eles clamam por alguma explicação cósmica. Eles se tornam remotamente compreensíveis quando atribuídos a uma fonte demoníaca sobre-humana e sobrenatural.

Hoje, parece natural falar de sofrimento em grande escala, e com linguagem carregada de conotações cósmicas. A ideia de que forças sobre-humanas se encontram por trás dos conflitos morais é apresentada em uma esfera profundamente intuitiva, como indicam filmes populares como, por exemplo: “O senhor dos anéis” e “Homem de aço”. Contudo, por trás desses espetáculos que divertem muitas pessoas, está um fantasma que nos assombra.

Conflito e libertação

A razão mais importante para refletir cuidadosamente sobre esse conflito cósmico é a poderosa noção da libertação divina que ele transmite. Para essa teodiceia, Deus não se tornou um executivo independente, presidindo serenamente o cosmos como um CEO no canto de uma suíte, em um prédio de escritórios, num arranha-céu, longe do embaralhado das ruas abaixo. Ele está poderosamente atuando no mundo, desafiando os agentes do mal e resistindo-os em cada uma de suas ações. Essa imagem de Deus pode ser tranquilizadora para as pessoas que se sentem impotentes diante das forças dispostas contra elas.

Há aqueles cujas perdas têm o potencial de deixá-los completamente derrotados e destituir sua vida de significado. Há pessoas, como meu professor de anos atrás, cuja doença devastadora tirou a saúde e encerrou a carreira que ele tanto amava. Também há pessoas tão escravizadas pelos vícios, que esses vícios têm esgotado suas energias e empobrecido sua vontade, a tal

ponto que, na esfera dos remédios naturais ou tratamentos convencionais, nada pode ajudar. Quando falham programas de recuperação, cursos de autoajuda e medicamentos, as pessoas podem sentir que estão sob o domínio de um inimigo que possui força sobrenatural. Então, para elas, a ideia da vitória e libertação divinas pode constituir a única base para a esperança.

A certeza de que estamos ligados a um poder infinitamente superior a qualquer de seus inimigos, e qualquer um dos nossos inimigos, é uma fonte de conforto e força. Assim, a noção de um conflito cósmico, com a garantia de que Deus pode derrotar tudo que nos prejudica e ameaça, e que, finalmente, erradicará inteiramente o sofrimento, pode desempenhar um importante papel na “teodiceia prática”. Isso dá forças para aqueles que enfrentem enormes desafios ocasionados pelo sofrimento. **IM**

Referências:

- ¹ Gregory A. Boyd, *God at War: The Bible and Spiritual Conflict* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001).
- ² _____, *Is God to Blame? Beyond Pat Answers to the Problem of Suffering* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003).
- ³ _____, *Satan and the Problem of Evil: Constructing a Trinitarian Warfare Theodicy*, p. 247.
- ⁴ _____, *Is God to Blame? Beyond Pat Answers to the Problem of Suffering*, p. 105.
- ⁵ _____, *God at War: The Bible and Spiritual Conflict*, p. 291.
- ⁶ Ver Ann Taves, *Fits, Trances, and Visions: Experiencing Religion and Explaining Experience From Wesley to James* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1999), p. 153-165.
- ⁷ Gregory A. Boyd, *God at War: The Bible and Spiritual Conflict*, p. 307.
- ⁸ Ellen G. White *O Grande Conflito*, p. xii.
- ⁹ Ver Sigve K. Tonstad, *Saving God's Reputation: The Theological Function of "Pistis Iesou" in the Cosmic Narratives of Revelation* (Nova York: T & T Clark, 2007).
- ¹⁰ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 761, 758.
- ¹¹ _____, *O Grande Conflito*, p. 499.
- ¹² Gregory A. Boyd, *God at War: The Bible and Spiritual Conflict*, p. 61-63.
- ¹³ Ver M. Scott Peck, *People of the Lie: The Hope for Healing Human Evil* (Nova York: Simon & Schuster, 1983).



Gentileza do autor

Filho do Homem

As origens do título mais usado por Jesus

“**F**ilho do Homem” era o título favorito de Cristo ao se referir a Si mesmo. A expressão aparece cerca de 80 vezes nos Evangelhos, e seu caráter enigmático é, ainda hoje, tema de muitos debates. O objetivo deste artigo não é esgotar o assunto, mas apenas ampliar a compreensão desse título tão importante nas Sagradas Escrituras. Examinaremos de forma breve a expressão “filho do homem” em fontes bíblicas e não bíblicas anteriores e contemporâneas a Jesus, a fim de encontrar os possíveis antecedentes para o uso desse título.

No Antigo Testamento

Na Bíblia hebraica, a expressão “filho do homem”, *ben ‘adam*, ocorre 107 vezes, 93 delas no livro de Ezequiel. Nas outras 14 vezes, com exceção de Daniel 8:17, a expressão ocorre somente em paralelismos poéticos, *sempre* na segunda linha, e quase sempre em paralelo com os termos *‘adam* ou *‘enosh*, ambos com o significado de “homem” ou “ser humano” (Nm 23:19; Jó 16:21; 25:6; 35:8; Sl 8:4; 80:17; 146:3; Is 51:12; 56:2; Jr 49:18, 33; 50:40; 51:43).¹ De modo geral, a ênfase desses textos está na diferença dos seres humanos com relação a Deus, e em sua fraqueza, fragilidade e mortalidade em comparação com o Todo-poderoso e Eterno.²

Não há consenso entre os intérpretes quanto ao significado da expressão “filho do homem” em Ezequiel. As 93 vezes em que essa designação é aplicada ao profeta podem enfatizar seu *status* como ser humano diante de Deus ou, por outro lado, destacar seu privilégio como representante profético da raça humana e, mais especificamente, do povo de Israel.³

Em Daniel, a expressão “filho do homem” no singular aparece duas vezes, uma em hebraico (em 8:17, onde *ben ‘adam* é utilizado de modo semelhante ao do livro de Ezequiel) e outra em aramaico, em 7:13, onde ocorre a expressão *kebar ‘enash* (“semelhante a um filho de [ou do] homem”, NVI).⁴ Esta última é considerada a ocorrência mais importante da expressão “filho do homem”, e talvez seja o texto mais estudado do livro de Daniel.⁵

No capítulo 7, a figura do filho do homem aparece em contraste com os quatro animais vistos anteriormente pelo profeta – ele representa o quinto reino.⁶ É possível estabelecer uma analogia entre o filho do homem do capítulo 7 e outras duas figuras-chave no livro de Daniel.

A primeira delas é a pedra do capítulo 2, cortada “sem auxílio de mãos” (v. 34), que aparece como o quinto reino na sequência profética e, à semelhança do filho do homem, estabelece o reino eterno de Deus.

A segunda analogia é com relação ao príncipe Miguel. A autoridade exercida por esse personagem, como defensor do povo de Deus (Dn 10:13, 21; 12:1; cf. Jd 9; Ap 12:7), parece ser análoga à autoridade conferida ao filho do homem em Daniel 7:13 e 14.⁷ Ambos estão estreitamente envolvidos na vindicação do povo santo, entram em cena quando os poderes do mal se levantam e participam da intervenção final de Deus na História.

Comentaristas mais conservadores e a tradição judaico-cristã interpretam a figura humana de Daniel 7:13 como uma referência ao Messias. Outras interpretações consideram o filho

do homem como um símbolo associado ao novo Israel, a Judas Macabeu ou simplesmente a um ser angelical, como Gabriel.⁸

O filho do homem do capítulo 7 de Daniel é uma figura escatológica, cujas principais atribuições parecem estar relacionadas à vindicação do povo santo e à execução do juízo de Deus.

No Novo Testamento

Com exceção de quatro ocorrências (At 7:56; Hb 2:6; Ap 1:13; 14:14), a expressão “Filho do Homem” no Novo Testamento aparece somente nos Evangelhos e é utilizada apenas por Jesus.⁹

Segundo F. J. Foakes Jackson e Kirsopp Lake,¹⁰ as declarações em que Cristo utilizou a expressão “Filho do Homem” podem ser classificadas em três grupos:

Declarações sobre Sua obra enquanto esteve na Terra. Exemplos: Quando Ele declarou Sua autoridade sobre o sábado (Mc 2:27, 28), para perdoar pecados (Mc 2:10), e ao enfatizar a humildade de Sua missão (Mt 8:20; 11:19; Lc 7:34).¹¹

Declarações sobre Seu sofrimento, morte e ressurreição. Exemplo: Predições feitas aos discípulos acerca da paixão e ressurreição (Mc 8:31; 9:31; 10:33-34).

Declarações sobre Sua vinda escatológica em glória. Exemplos: Passagens em que Cristo evocou a imagem do filho do homem de Daniel 7:13, vindo sobre as nuvens do céu (Mt 26:64; Mc 14:62; Lc 22:69); quando falou de Sua vinda de modo geral, sem necessariamente aludir a Daniel 7 (Mt 10:23; 24:27, 37, 39; 24:44); e quando mencionou Seu retorno em relação com o julgamento escatológico de Deus (Mt 24:30; Mt 13:41; 19:28). Aliás, a maior parte das declarações sobre o Filho do Homem nos Evangelhos se refere à segunda vinda ou ao papel escatológico do Messias.

A classificação acima não é rígida, pois algumas declarações se encaixam em mais de um desses grupos.

No Evangelho de Mateus, a expressão “Filho do Homem” parece ressaltar o papel de Cristo como Juiz escatológico. Em Marcos,

a ênfase está na autoridade de Jesus e, ao mesmo tempo, em Sua posição como “Servo sofredor”. Já o uso que Lucas fez da expressão evidenciou o profundo interesse do autor na figura de Cristo como o Homem universal, que franqueia a todos os seres humanos o acesso à salvação. Em João, o título reforça a identidade divina de Jesus e Sua origem celestial, estando relacionado aos temas da crucificação – que nesse Evangelho implica também glorificação – (3:14; 8:28; 12:23; 13:31), revelação (6:27, 53) e autoridade para julgar o mundo (5:27; 9:39; 12:31).

Em Apocalipse 1:13 e 14:14, a expressão “um semelhante a filho de homem” é usada como uma clara alusão a Daniel 7:13, mas parece não ter muita relação com o uso que Jesus fez nos Evangelhos.

Além da Bíblia

Na literatura extrabíblica, um dos textos mais importantes em que o conceito messiânico de Filho do Homem é encontrado é o *Livro de Parábolas* ou *Similitudes de Enoque*. Essa seção do livro de 1 Enoque (capítulos 37-71), datada entre 200 a.C. e o fim do primeiro século da Era Cristã, consiste em três discursos ou parábolas. Nesses discursos, a expressão “filho do homem” (traduzida a partir de três diferentes expressões etíopes) ocorre 16 vezes, relacionada à figura do Messias. A designação aparece em paralelo com os termos “Eleito”, “Messias” (ou “Ungido”) e “Justo”.¹²

O livro descreve um herói celestial, sobrenatural, que mistura a imagem do filho do homem de Daniel 7 com as do rei davídico do Salmo 2 e de Isaías 11, e do Servo sofredor de Isaías 42, 49 e 52, 53.¹³

Apesar de não haver evidências de que Jesus tenha conhecido *Similitudes de Enoque*, é possível supor que em Sua época a expressão “Filho do Homem” já havia se tornado um título messiânico, trazendo a ideia, inclusive, de um Ser divino, preexistente, responsável pelo estabelecimento do reino de Deus.¹⁴

Outro importante texto judaico que apresenta a figura do Filho do Homem

com moldura messiânica é o quarto livro de Esdras, um apocalipse geralmente datado do fim do primeiro século. Embora não utilize a expressão “filho do homem”, 4 Esdras, especialmente no capítulo 13, se refere a “algo parecido com a figura de um homem” que vem do mar e que apresenta vários pontos de semelhança com o “filho do homem” de Daniel 7 e do *Similitudes de Enoque*. O herói messiânico do quarto livro de Esdras também combina traços do Servo sofredor de Isaías e do rei davídico do Salmo 2 e de Isaías 11. Tanto em 1 Enoque quanto em 4 Esdras, as funções do herói messiânico são basicamente duas: julgar em favor de Deus no juízo escatológico e reunir o povo eleito.

Na literatura não bíblica encontrada em Qumran, no Mar Morto, não há menção ao filho do homem de Daniel 7:13, 14 e, nas vezes em que a expressão aparece, ela é empregada no sentido comum de “ser humano”. Apesar disso, é possível identificar nos escritos de Qumran características semelhantes às do personagem escatológico de Daniel 7, como, por exemplo, na figura de Melquisedeque, no manuscrito 11Q13. Esse personagem, à semelhança do Filho do Homem, apresenta atributos messiânicos e divinos, e assume o papel de juiz, mediador e salvador celestial.¹⁵

Por que “Filho do Homem”?

Os intérpretes têm proposto diferentes razões pelas quais o título “Filho do Homem” teria sido tão frequentemente utilizado por Jesus. Entre as principais interpretações, temos:

Era simplesmente uma expressão idiomática – De acordo com alguns eruditos, as expressões aramaicas *bar ‘enash* e *bar ‘enashá* podiam ser usadas pelo interlocutor para se referir a si mesmo na terceira pessoa. Seria uma substituição para os pronomes “eu” e “mim”, em casos em que a pessoa quisesse evitar a impressão de arrogância, falar algo desagradável a respeito de si mesma ou fazer um protesto. Assim, por questões de modéstia e

discrição, Cristo teria substituído a primeira pessoa do singular pela expressão “Filho do Homem”. No entanto, o problema com essa interpretação é que as evidências dessa substituição são posteriores a Jesus, e não refletem necessariamente um costume corrente no aramaico galileu do primeiro século.¹⁶

Era um título ambíguo – De acordo com essa interpretação, ao utilizar a expressão “Filho do Homem”, Cristo teria Se valido de um título que admitia mais de um significado. Diferentemente de títulos como “Messias”, “Filho de Deus” e “Filho de Davi” (que eram entendidos mais com um sentido político do que religioso), Jesus teria utilizado um título enigmático e, ao mesmo tempo, bastante discreto – uma vez que a expressão era utilizada de várias formas no hebraico e no aramaico, a fim de não incentivar ideias nacionalistas e alvoroço desnecessário.¹⁷

Era um título messiânico – Embora, nas últimas décadas, teólogos mais liberais tenham se manifestado contra esse ponto de vista, um grande número de eruditos ainda sustenta a ideia de que Cristo utilizou a expressão “Filho do Homem” como uma alusão ao conceito judaico pré-cristão (caso o livro de Enoque seja realmente anterior a Jesus) e veterotestamentário de um herói apocalíptico, preexistente e transcendente que Se manifestaria nos últimos dias como redentor e juiz.


Em Mateus 26:64, ao falar de Sua segunda vinda, Jesus teria feito uma clara alusão a dois textos do Antigo Testamento: Salmo 110:1 e Daniel 7:13. Ao mesclar as figuras do rei messiânico com a do ser celestial de Daniel 7, Cristo teria tornado evidente o principal – e mais provável – antecedente da expressão “Filho do Homem”.

Segundo Oscar Cullman, “a Teologia clássica sempre contrastou Filho do Homem e Filho de Deus. Do ponto de vista do dogma posterior ‘verdadeiro Deus – verdadeiro homem’, entendeu-se a designação ‘Filho do Homem’ apenas como uma expressão da ‘natureza humana’ de Jesus

em contraste com Sua ‘natureza divina’. Nessa época, os teólogos não estavam familiarizados com as especulações judaicas sobre a figura do Filho do Homem, e não levaram em consideração o fato de que, por meio desse próprio termo, Jesus falou de Seu divino caráter celestial”.¹⁸

Outras possíveis razões – Além dos motivos mencionados acima, Jesus teria utilizado a expressão “Filho do Homem”, possivelmente, para: (1) destacar de forma proposital Sua natureza humana;¹⁹ (2) identificar-Se com os seres humanos em suas fraquezas, expressando Seu senso de ligação com a humanidade e a participação em seus sofrimentos;²⁰ e/ou (3) Se identificar com o ofício profético e a mensagem escatológica de Ezequiel e Daniel,²¹ que também foram chamados, cada um, de “filho do homem”.

Uma breve análise da expressão “Filho do Homem” no Antigo e Novo Testamentos, bem como em fontes extrabíblicas anteriores ou contemporâneas a Jesus, indica que o mais provável antecedente para esse título, tão utilizado por Cristo nos Evangelhos, são os profetas canônicos, principalmente Daniel 7:13, 14 (cf. Mt 26:64; Mc 13:26; 14:62; Lc 22:69), embora o conceito estivesse presente também fora da Bíblia.

Semelhantemente, após relacionar alguns possíveis motivos pelos quais Jesus teria aplicado a Si o título “Filho do Homem”, consideramos mais provável que Ele tenha Se valido da expressão para declarar, direta ou indiretamente, Sua messianidade e Seu papel como juiz escatológico e defensor do povo santo, no contexto da história da redenção. Em termos práticos, podemos afirmar que Jesus é nosso representante divino-humano no Céu, sendo assim plenamente habilitado para ser o nosso Salvador! 

Referências:

¹ D. E. Aune, “Son of Man”, em Geoffrey W. Bromiley (ed.), *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2002), v. 4.

² George W. E. Nickelsburg, “Son of Man”, em K. van der Toorn; Bob Becking; Pieter Willem van der Horst, *Dictionary of Deities and Demons in the Bible* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999).

³ *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), v. 4, p. 633, 634.

⁴ *Quando trato desse verso e coloco a expressão com iniciais minúsculas, minha ênfase está na figura vista por Daniel – um homem, um ser humano, um “filho do homem”. Em Daniel, essa expressão – embora se refira a Cristo – ainda não era um título, mas apenas uma referência ao que o profeta viu. Ela começou a ganhar “status” de título a partir do uso que a literatura extrabíblica e Cristo fizeram dela.*

⁵ Joyce G. Baldwin, *Daniel: Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1983), p. 151.

⁶ Ralph L. Smith, *Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2001), p. 403.

⁷ George W. E. Nickelsburg, op. cit.

⁸ D. E. Aune, op. cit.; John E. Goldingay, *Word Biblical Commentary: Daniel* (Dallas: Word, Incorporated, 2002).

⁹ George W. E. Nickelsburg, op. cit.

¹⁰ D. E. Aune, op. cit.

¹¹ Charlys Siqueira, *O “Filho do Homem” na Compreensão dos Pais da Igreja do Segundo Século da Era Cristã*, dissertação de mestrado (Engenheiro Coelho: Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, 2010), p. 17.

¹² D. E. Aune, op. cit.

¹³ George W. E. Nickelsburg, op. cit.

¹⁴ G. E. Ladd, *Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Hagnos, 2003), p. 197.

¹⁵ F. F. Bruce, “The Background to the Son of Man Sayings”, em *Christ the Lord: Studies in Christology Presented to Donald Guthrie* (Leicester: Inter-Varsity Press, 1982); Kenner Roger Cazotto Terra, “O enigma de Melquisedec em 11Q13: Intertextualidade em Qumran e o Imaginário do Juízo”, *Revista Oracula* 5.10 (2009), disponível em <<http://www.oracula.com.br/numeros/022009/Terra.pdf>>, acesso em: 23 dez. 2013.

¹⁶ D. E. Aune, op. cit.

¹⁷ Delbert Burkett, *The Son of Man Debate: a History and Evaluation* (Cambridge University Press, 2004).

¹⁸ Oscar Cullman, *The Christology of the New Testament* (Philadelphia: Westminster Press, 1963), p. 162.

¹⁹ *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (Petrópolis: Vozes, 1971).

²⁰ James Stalker, “Son of Man”, em James Orr, *The International Standard Bible Encyclopedia* (Albany: Ages Software, 1999).

²¹ James C. Deyoung, “Son of Man”, em Walter A. Elwell; Barry J. Beitzel (eds.), *Baker Encyclopedia of the Bible* (Grand Rapids: Baker Book House, 1988).



Gentileza do autor

o chamado e o mandato

“A verdadeira igreja da grande comissão é a que age como sal, infiltrando-se na comunidade, para fazer discípulos”



Jo Card

“Então, Jesus aproximou-Se deles e disse: Foi-Me dada toda a autoridade nos Céus e na Terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que Eu lhes ordenei. E Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28:18-20).

A grande comissão dada por Jesus à

Sua igreja implica duas atitudes: (1) o verbo “ir” (vão) contém a ideia de ação contínua. Aonde formos ou estivermos, somos discípulos dEle para multiplicar discípulos. Isso é um estilo de vida – uma emanção do Espírito de Deus em nós, influenciando outras pessoas. Não é possível ir e fazer discípulos sem que estejamos cheios do Espírito Santo. Sem comunhão com Deus, sem passar horas a sós com ele, não há

discipulado. (2) A frase “façam discípulos” contém a ideia de apostolado, ou seja, somos enviados para buscar e salvar.

Não é possível multiplicar discípulos estando isolados, distantes das pessoas, centralizados em nós mesmos, ainda que envolvidos na programação interna da igreja. Enquanto multiplicamos eventos que ocupam grande quantidade do nosso tempo dentro da igreja, milhares estão perecendo sem Jesus e sem esperança fora dos muros da igreja. Aprendemos com o ministério discipulador de Jesus que, para fazer discípulos, precisamos estar envolvidos com as pessoas: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143).

De acordo com afirmação de Russell Burrill, “a grande comissão é a criação de uma igreja ‘espalhada’ como forma dominante, e não o presente estado onde a igreja ‘reunida’ é dominante. Precisamos

dela, mas essa não deve ser a forma principal da igreja. A verdadeira igreja da grande comissão é a que age como sal, infiltrando-se na comunidade, para fazer discípulos” (*Discípulos Modernos*, p. 17).

O exemplo do Mestre

A essência do discipulado, conforme o exemplo de Cristo, é fazer discípulos através de duplas missionárias. Suas atitudes discipuladoras claramente revelam Sua estratégia e objetivo: (1) Ele formou um pequeno grupo de doze, para inspirar, treinar e pastorear discípulos a fim de fazer discípulos. Esse, não outro, foi Seu propósito. (2) Ele não transferiu a liderança de Seu pequeno grupo para outro líder. Envolveu-Se pessoalmente em treinar e enviar os discípulos em duplas, na missão dos doze e na missão dos setenta. (3) Cristo exerceu Sua carismática influência sobre os doze, pois multiplicando eles discípulos, “todas as nações” seriam evangelizadas.

Essa estratégia evangelizadora se harmoniza perfeitamente com o divinamente inspirado conceito declarado por Ellen G. White: “A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar” (*Serviço Cristão*, p. 55). Assim, Jesus usou o pequeno grupo como base para o discipulado. Ele chamou os discípulos para estar com Ele; depois, enviou-os em duplas missionárias para fazer discípulos.

Tendo Jesus como líder de seu pequeno grupo, recebendo Seus ensinamentos e vendo na prática Suas ações discipuladoras, os discípulos tiveram a personalidade pouco a pouco impregnada com a santa personalidade do Mestre. Gradual e progressivamente os traços rudes do caráter deles deram lugar à santificadora influência do Espírito Santo. Essa experiência foi tão marcante, que as autoridades vendo a intrepidez de Pedro e João, “reconheceram que haviam eles estado com Jesus!” (At 4:13).

Bênçãos do pequeno grupo

O pequeno grupo é indispensável ao

discipulado cristão. Ele é a base para a ação discipuladora das duplas missionárias, pois, embora a ligação vital aconteça fundamentalmente na comunhão pessoal, no pequeno grupo, os discípulos oram, partilham experiências, animam-se mutuamente, recebem treinamento e orientações. É no pequeno grupo que os discípulos aprendem a amar uns aos outros, como em nenhum outro lugar à parte da família. Se não nos amamos, não somos discípulos de Cristo. Ele disse: “Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (Jo 13:35). Sem amor, o discipulado não acontece. É o amor de Cristo, derramado pelo Espírito Santo em nosso coração, experimentado e posto em prática, que nos constrange (Rm 5:5; 2Co 5:14).

No pequeno grupo, os discípulos aprendem a viver em unidade. Se não estivermos unidos uns aos outros, jamais seremos discípulos, muito menos faremos discípulos. Afinal, essa é uma obra do Espírito Santo, e Ele não abençoa na desunião. A respeito dos primeiros cristãos nos é dito: “Todos estes perseveravam unanimemente em oração” (At 1:14).

Na formação do Seu pequeno grupo de discípulos, Jesus chamou cada um deles, como que dizendo: “Venham a Mim!” Ao organizá-los em duplas, disse-lhes: “Vão!” Assim o é ainda hoje. Sem o propósito e dinâmica de fazer discípulos por meio das duplas missionárias, à semelhança do que Jesus fez, os pequenos grupos podem perder o rumo e se tornar mais um evento entre nós, mantendo-nos isolados das pessoas que precisamos salvar. Mesmo sendo forte em comunidade, o que representa um doce afago às nossas carências sociais, sem que saiam a fazer discípulos, os pequenos grupos serão destinados a morrer e a matar a vida espiritual dos participantes com o vírus do isolamento religioso. Assim como para o físico é verdade que a falta de exercício o faz definir e até morrer mais cedo, para as faculdades espirituais, a falta de exercício em fazer

discípulos resulta em vida espiritual fraca, doente e sem vigor. Antes de o Espírito Santo produzir um novo discípulo, Ele realiza Sua obra vivificadora no discipulador.

Experiência pessoal

Meu distrito pastoral tem seis igrejas e grupos. Dirijo um pequeno grupo em cada igreja e congregação, com o propósito de fazer discípulos que se multipliquem para evangelizar a respectiva comunidade. Emprego tempo em treiná-los, mentoreá-los e pastoreá-los, estudando com eles o evangelho de Mateus e outros livros sobre o discipulado. Sob a influência do Espírito Santo, as duplas missionárias estão sendo inspiradas com lições extraídas das atitudes de Jesus ao fazer discípulos. Apesar dos imprevistos e interferências do dia a dia pastoral, na medida do possível reúno-me quinzenalmente com cada pequeno grupo e pastoreio as duplas missionárias.

Conforme diz o pastor Bill Hull, “fazer discípulos requer mais fé do que qualquer outra tarefa da igreja. Já que é a primeira prioridade para Deus, também o é para Satanás. Não há outro serviço do servo de Deus que atraia mais resistência do que fazer discípulos” (*O Pastor que Faz Discípulos*, apostila de mestrado, p. 15).

Trabalho com entusiasmo neste projeto, porque entendi que este é o plano de Deus para cumprir a grande comissão e apressar a vinda de Jesus: “Chamando os doze para junto de Si, Jesus ordenou-lhes que fossem dois a dois pelas cidades e aldeias. Nenhum foi mandado sozinho, mas irmão em companhia de irmão, amigo ao lado de amigo. Assim se poderiam auxiliar e animar mutuamente, aconselhando-se entre si, e orando um com o outro, a força de um suprimindo a fraqueza do outro. Da mesma maneira enviou Ele posteriormente os setenta. Era o desígnio do Salvador que os mensageiros do evangelho assim se associassem. Teria muito mais êxito a obra evangélica em nossos dias, fosse esse exemplo mais estritamente seguido” (Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 127, 128). **TM**

Sonia Rigoli Santos
*Jubilada, foi coordenadora da Afam,
na União Central-Brasileira*



Gentileza da autora

Vitrines perigosas



“Precisamos ser vigilantes; pois o inimigo utiliza muitas armas na tentativa de nos seduzir”

Certo dia, uma linda mulher passeava sozinha, como se estivesse em um “shopping”, observando as vitrines. Tão entretida estava que nem percebeu quando um desconhecido se aproximou e começou a conversar. Absorvida com tudo o que via, deixou-se levar pela conversa amigável.

Depois de ganhar a confiança dela, o estranho lhe ofereceu um produto supostamente maravilhoso, insistindo para que ela o experimentasse. Ela o aceitou e, desde então, o mundo sofre com a triste escolha de Eva, a mulher que aceitou experimentar o desconhecido.

À semelhança de Eva, às vezes também passeamos sozinhas pelo mundo. Nem sempre nosso esposo pode nos acompanhar em um passeio de domingo, uma visita a familiares ou viajar com a família num feriado. Muitas mulheres se queixam de estar sempre sozinhas. Se têm filhos pequenos, quase sempre vão à igreja acompanhadas apenas de crianças, pois não pode ir com o esposo, cada sábado, a uma igreja diferente.

Aquelas que trabalham fora ou estudam nem sempre têm oportunidade de apresentar o cônjuge aos colegas. Portanto, enfrentamos os mesmos perigos enfrentados por Eva.

O perigo

Como fiéis representantes de Deus, conhecemos os valores pelos quais devemos viver e agir. Não ignoramos os conselhos divinos, mas, como Eva, às vezes os questionamos esquecidas de que “tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito” (Rm 15:4).

O inimigo conhece nossos desejos e necessidades. No caso de Eva, ao contemplar a beleza da árvore da ciência do bem e do mal, tão atraente e aparentemente inofensiva, ela “ficou surpresa e admirada” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 35). O que lhe causou a ruína foi parar a fim de contemplar e conjecturar sobre a sugestão do inimigo. “Em vez de fugir do local, deteve-se, maravilhada, a ouvir uma serpente falar... não tinha ideia alguma de que a fascinadora serpente pudesse se tornar o intermediário do adversário decaído” (Ibid., p. 54).

Hoje, também existem “vitrines” sedutoras e perigosas que têm atraído nossa atenção. Aqui estão algumas delas:

Amizades. Não somos ilhas. Fomos feitas para relacionamentos. Precisamos dar e receber atenção, trocar ideias, ouvir e ser ouvidas. E, nessa ânsia de ter companhia, sentindo falta da presença constante do esposo, algumas se aventuram a buscá-la fora do lar e, às vezes, fora da igreja, apesar de todos os riscos envolvidos.

Outras costumam confidenciar sonhos, desejos, pensamentos e lutas pessoais a irmãs da igreja. Às vezes, queixam-se do esposo, minando o respeito e consideração que a congregação deve ter pelo pastor. É preciso ter cuidado; pois a pessoa considerada “melhor amiga” pode trair a confiança, comprometendo assim o caráter e a reputação da família pastoral.


Trabalho. Nada existe de errado no fato de uma esposa de pastor procurar trabalho, dentro de sua especialização, mesmo fora da igreja, quando esta não pode empregá-la em alguma atividade. Porém, deve cuidar para que isso não envolva o esposo “em negócios desta vida” (2Tm 2:4), prejudicando o trabalho pastoral.

Estudo. É também inegável que devemos crescer e ampliar os horizontes. Mas, é visível a mudança operada em algumas irmãs, quando ingressam no meio acadêmico. Paradigmas são mudados, princípios aparentemente são esquecidos, e elas perdem a oportunidade de ser o “sal da Terra” e a “luz do mundo”. Além disso, também adotam o estilo de vestimenta, palavreado, costumes e padrões de comportamento estranhos. Tem havido casos em que o pastor precisa abandonar a vocação, para se adaptar ao novo estilo de vida da esposa.

Internet. Nunca é demais insistir nos perigos do mundo virtual. Muitas vivem longe de familiares, amigos, do ambiente em que foram criadas. Portanto, é natural querer saber como estão aqueles a quem amam. Entretanto, correm sério risco, ao se exporem demasiadamente, colocando em lugares pouco recomendáveis fotos pessoais, com imagem descontraída. Devemos nos lembrar de que, dessa forma, damos aos outros a visão de quem somos ou de quem gostaríamos de ser.

As consequências

Quais são os resultados da contemplação dessas vitrines? Note a descrição que Ellen White faz sobre a experiência de Eva: “Havendo ela transgredido, tornou-se o agente de Satanás para efetuar a ruína de seu esposo. Em um estado de exaltação estranha e fora do natural... insistiu com ele para comer, repetindo as palavras da serpente... Ela raciocinava que isso deveria ser verdade, pois que não sentia evidência alguma do desagrado de Deus, mas ao contrário experimentava uma influência deliciosa, alegre, a fazer fremir toda a faculdade de uma nova vida, influência tal, imaginava ela, como a que inspirava os mensageiros celestiais” (Ibid., p. 556).

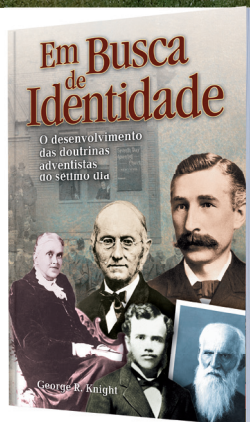
Ao aceitar ser esposa de pastor, você aceitou o chamado de Deus para estar ao lado de seu esposo, ser uma bênção para ele, os filhos, a igreja, a comunidade e para você mesma. Não se contente com menos do que isso. Fuja dos desejos de Eva! 

Conheça mais sobre nossas raízes



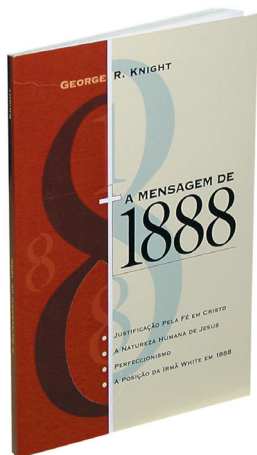
Terra de Esperança

Este livro é a mais abrangente e abalizada história da Igreja Adventista no território da América do Sul. Com forte ênfase nos elementos de comparação e contraste, a obra possui uma riqueza inigualável de informações sobre lugares, pessoas e instituições que marcaram a expansão adventista nesta parte do mundo. Sem dúvida, a obra continuará por muitos anos como o principal referencial de pesquisa para a historiografia do adventismo sul-americano.



Em Busca de Identidade

Como as crenças adventistas se modificaram através dos anos? O autor revela o vaivém das correntes doutrinárias dentro do adventismo, inclusive as controvérsias sobre a porta fechada, a lei em Gálatas, na assembleia da Associação Geral de 1888, a Trindade, o panteísmo, o fundamentalismo, a natureza de Cristo e a inspiração. Mostra também que, apesar das controvérsias, Deus tem conduzido o adventismo a uma compreensão mais ampla e profunda da verdade eterna.



A Mensagem de 1888

A assembleia da Associação Geral realizada em Minneapolis (1888) foi a mais importante e ao mesmo tempo a mais malcompreendida da história adventista. O que foi discutido nessa assembleia? Qual é a essência da mensagem de 1888 e por que ela é tão importante para nós hoje? E, finalmente, como pode essa mensagem revitalizar nossa vida e a Igreja Adventista no século 21?

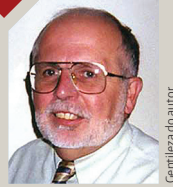


DVD História da Igreja e O Dom Profético

Esses dois DVDs foram filmados nos lugares históricos do movimento milerita relacionados com Ellen G. White e a Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos. Ele lhe dá a oportunidade de refletir sobre o surgimento histórico, a base bíblica e a relevância contemporânea de temas fundamentais da fé adventista.



Para adquirir, ligue: 0800-9790606, acesse: www.cpb.com.br, ou dirija-se a uma CPB livraria.
Se preferir, envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA e entraremos em contato com você!



Gentileza do autor

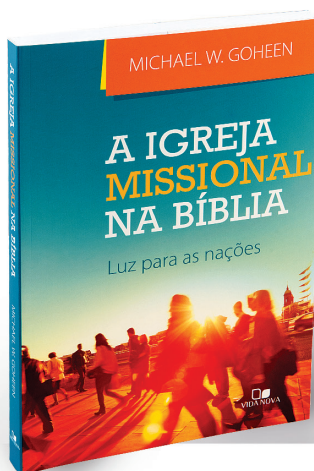
Quarenta dicas depois de quarenta anos de ministério

1. Tenha uma vida de oração.
2. Compartilhe e invista tempo com sua família.
3. Honre a tradição, mas não a adore. Na liderança de uma igreja, você pode ajustar ou adaptar as coisas.
4. O ministério é como um iceberg: 90% dele são passados nos bastidores. Mas é essa parte invisível que apoia os outros 10%.
5. Esteja disposto a realizar qualquer tarefa necessária. Só porque você tem um diploma universitário não significa que não possa realizar tarefa simples com as pessoas.
6. Seja cuidadoso tanto com *a maneira* quanto com *o que* você diz.
7. Deus nos deu dois ouvidos e uma boca. Portanto, gaste mais tempo ouvindo do que falando.
8. Não fomos chamados para ter sucesso, mas para ser fiéis.
9. A igreja não é sua, mas de Cristo. Você e todos os demais membros são privilegiados em servir a ela.
10. Sua ausência é muitas vezes mais notada do que sua presença.
11. Prometa apenas o que pode cumprir. Se disser a um irmão hospitalizado: "Verei você amanhã", apareça para visitá-lo no dia marcado.
12. É sempre melhor ser gentil do que insistir em declarar que você está certo.
13. As pessoas nem sempre estão certas. Mas, em vez de apontar seus erros, faça com que elas descubram as falhas por si mesmas. Brandura e discrição podem levá-lo mais longe.
14. O ministério tem mais que ver com plantio do que com colheitas.
15. Quando surgir uma ideia para um sermão, anote-a imediatamente ou grave-a em um arquivo específico.
16. Prepare-se da melhor forma possível e deixe o restante com Deus. Jamais subestime o poder do Espírito Santo.
17. Sempre haverá pessoas as quais você jamais satisfará.
18. Pratique o que você prega.
19. Não leia somente a Bíblia e livros teológicos. Familiarize-se com outros temas.
20. Reserve tempo para descansar.
21. Seja confidente.
22. Você nunca é tão mau nem tão bom quanto alguém diz que é.
23. Honestidade é uma qualidade indispensável ao ministério.
24. Estabeleça limites, inclusive para o tempo diário de trabalho.
25. Elogie as pessoas quando realmente elas merecerem.
26. Não tema admitir que sempre há pessoas mais cristãs do que você, e que algumas delas estão sentadas nos bancos de sua igreja. Isso o manterá em humildade.
27. Respeite o estágio em que cada pessoa se encontra em sua jornada de fé.
28. Estar presente em momentos de crise é mais importante do que proferir conselhos vagos.
29. Realizar o trabalho com compaixão é "quase" sempre mais importante do que executá-lo com sensatez.
30. Exemplifique o perdão.
31. Gaste tempo de qualidade com os colegas.
32. As pessoas geralmente reagem mais positivamente ao amor do que ao conhecimento.
33. Não espere que todos concordem com você.
34. Fale sempre gentilmente com as pessoas.
35. "Nas coisas essenciais, unidade; nas não essenciais, liberdade; em todas, amor."
36. Entenda que Deus trabalha à maneira dEle com cada um de nós.
37. Participe dos eventos comunitários.
38. Cultive o bem. Mantenha amizades saudáveis quando e onde for possível.
39. Deus, e não a congregação, é o seu patrão. Mas Deus pode estar falando com você por intermédio da congregação.
40. Ofereça a graça salvadora de Cristo às pessoas, expresse gratidão e seja generoso. **M**



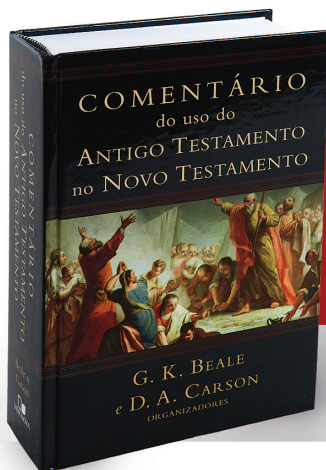
INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO – Louis Berkhof, Editora CPAD, Rio de Janeiro, RJ, tel.: 088 021 7373, www.cpad.com.br, 304 páginas.

Neste livro, o autor investiga a história e a finalidade dos evangelhos e epístolas do Novo Testamento. As seções iniciam com um breve resumo seguido por um olhar abrangente das características, autoria, composição e significado de cada livro. Precedendo a discussão sobre os evangelhos, ele apresenta a natureza e inspiração deles, e aborda detidamente a singularidade do Evangelho de João em relação aos sinóticos. O livro contém comentários de estudiosos do Novo Testamento, incluindo os Pais da Igreja.



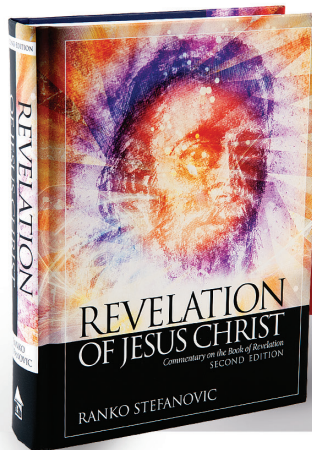
A IGREJA MISSIONAL NA BÍBLIA – Michael W. Goheen, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, www.vidanova.com.br; e-mail vidanova@vidanova.com.br, 286 páginas.

Ao investigar o papel que o povo de Deus foi chamado a cumprir na história bíblica, Michael Goheen descreve a identidade missional da igreja. Ele mostra que a identidade da igreja pode ser entendida somente quando seu papel é articulado no contexto de toda a narrativa bíblica, não somente do Novo Testamento, mas também do Antigo. Goheen também examina desdobramentos e implicações práticas, apresentando sugestões testadas e aprovadas para as igrejas contemporâneas.



COMENTÁRIO DO USO DO ANTIGO TESTAMENTO NO NOVO TESTAMENTO – G. K. Beale e D. A. Carson (organizadores), Edições Vida Nova, 1.415 páginas.

Neste comentário, os autores reuniram uma equipe de renomados especialistas com o propósito de isolar, catalogar e comentar casos presentes no Novo Testamento, tanto de citações claras do Antigo quanto de alusões mais sutis às Escrituras hebraicas. O resultado desse trabalho foi este comentário das passagens do Antigo Testamento que aparecem no Evangelho de Mateus ao livro do Apocalipse. Trata-se de excelente fonte de pesquisa e consulta por todo estudante da Bíblia.



REVELATION OF JESUS CHRIST – A COMMENTARY ON THE BOOK OF REVELATION – Ranko Stefanovic, Andrews University Press, Berrien Springs, MI, Estados Unidos, www.universitypress.andrews.edu, 668 páginas.

Um dos mais atualizados comentários sobre o livro do Apocalipse. Uma abordagem profunda dentro da perspectiva historicista. Ranko Stefanovic, professor da Universidade Andrews, oferece aos estudiosos um comentário verso a verso, com abordagem cristocêntrica, mostrando como os eventos da História estão inter-relacionados com as profecias. Livro indispensável para todos os interessados na literatura apocalíptica e que tenham familiaridade com o idioma inglês.



Cortesia do autor

Poder através da oração

Existem excelentes livros antigos que ainda têm valor inestimável para nossa vida hoje. Um desses livros tem como título *Power Through Prayer* [Poder Através da Oração], escrito por Edward McKendree Bounds e publicado em 1972. Esse autor nasceu em 15 de agosto de 1835, no município de Shelby, estado do Missouri, EUA.

Quando ainda era jovem, Bounds descobriu uma grande paixão por Deus, tendo sido fortemente influenciado pelos escritos de John Wesley. Embora formado em Direito, Edward Bounds decidiu se tornar pastor da Igreja Metodista. Durante os últimos vinte anos de seu ministério pastoral, ele escreveu extensivamente sobre o tema da oração. Também deixou uma indelével marca na igreja cristã, como poderoso guerreiro de oração.

Inspirado pelo exemplo do meu colega editor associado Willie Hucks, que costuma ler o livro de Bounds no fim de cada ano, também recentemente decidi ler esse livro mais uma vez. Seus pensamentos e conceitos parecem nos atingir como lâmina cortante: “A pouca estimativa que atribuímos à oração é vista no pouco tempo que a ela dedicamos” (*Power Through Prayer*, p. 36). Em absoluto contraste ao tipo de oração à qual chamo de “twitter” (que só admite no máximo 140 caracteres escritos), feita por muitos cristãos, Bounds orava secretamente das 4 às 7h, todas as manhãs.

Embora seja verdade que o tempo gasto na oração não represente garantia automática de que ela seja poderosa, é improvável que alguém que a pratique apressadamente tenha um impacto duradouro do reino de Deus. Bounds nos lembra de que “o pregador é comissionado a orar bem como pregar. Sua missão estará incompleta se ele não fizer as duas coisas” (Ibid., p. 37). Todo pastor que tiver paixão pela pregação bíblica poderosa deve atentar para este conselho: “O caráter de nossa oração determinará o caráter de nossa pregação. A oração iluminada tornará iluminada a pregação, unindo-a e tornando-a penetrante. A oração fortalece a

pregação. Em todo ministério significativo para o bem, a oração é levada a sério” (Ibid., p. 31).

Não apenas os pregadores necessitam ser devotos à oração, mas todo líder cristão (At 6:4) necessita ser envolvido por essa prática. Tendo encorajado os efésios a orar “em todo tempo no Espírito [...] com toda perseverança e súplica”, Paulo faz este apelo: “e também por mim” (Ef 6:18, 19). Alguém poderia surpreender-se de que Paulo tenha pedido intercessão em seu favor, afinal, ele era um poderoso embaixador de Cristo. Acaso necessitava ele fazer esse apelo? A resposta é um enfático “sim!” De fato, as orações em seu favor, junto à sua própria devoção à oração impulsionaram seu ministério de alto impacto. Não é de surpreender que ele tenha apelado aos cristãos de Colossos: “Perseverai na oração, vigiando com ações de graças. Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós” (Cl 4:2, 3).

A oração pessoal e corporativa é mais importante ainda, quando consideramos que estamos em meio ao conflito entre o bem e o mal. Não é coincidência que o apelo de Paulo, no sentido de orar no Espírito em toda ocasião, “com perseverança e súplica”, esteja imediatamente depois desta exortação: “Tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis” (Ef 6:13).

O grande conflito é uma realidade cuja origem é descrita pelo vidente de Patmos: “Houve peleja no Céu. Miguel e os Seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a Terra, e, com ele, os seus anjos” (Ap 12:7-9).

À medida que nos aproximamos do fim de todas as coisas, esse conflito se intensificará. Por isso, mais do que nunca, necessitamos do poder obtido por meio da oração. **M**

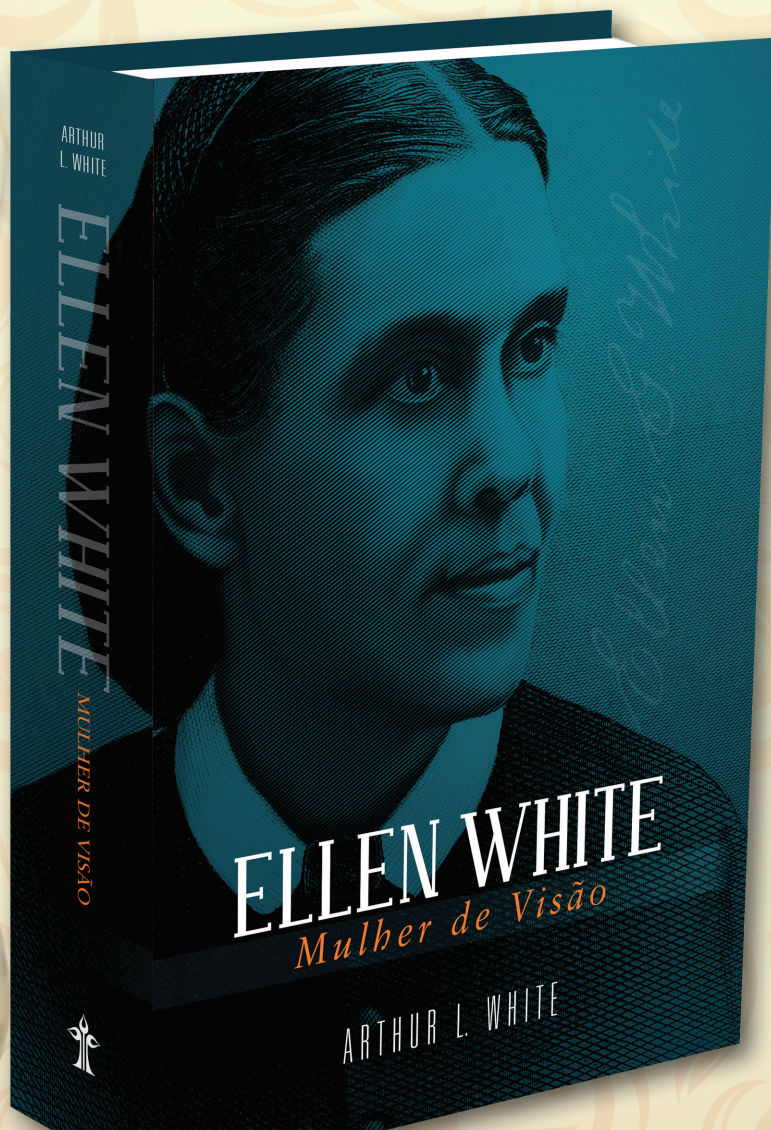


“O pregador é comissionado a orar bem como pregar. Sua missão estará incompleta se ele não fizer as duas coisas”

UMA MULHER QUE ENXERGAVA

além do seu tempo

Pricila Cajá / Imagem: Fotolia



LANÇAMENTO

CAPA DURA

544
PÁGINAS

Ellen White está entre os autores mais traduzidos em todo o mundo, com publicações em mais de 100 idiomas. Tendo escrito aproximadamente 100 mil páginas, ela é referência em temas de saúde, educação, família, história bíblica e vida cristã. *Ellen White: Mulher de Visão* é a mais ampla e detalhada biografia dela publicada em língua portuguesa. Produzida por seu neto Arthur L. White, essa obra permite visualizar aspectos interessantes e reveladores de sua personalidade no papel de esposa, mãe, avó, conselheira, líder e fiel mensageira do Senhor.

Ligue 0800-9790606, vá a uma CPB livraria ou acesse cpb.com.br
Se preferir, envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA, e entraremos em contato com você.